



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
LETRAS CLÁSSICAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM LETRAS**

**ROCHEDO LUGENTE: UMA BREVE ANÁLISE SOBRE NÍOBE NAS METAMORFOSES DE
OVÍDIO
(*METAMORPHOSES*, VI. 146-312)**

Lucas Maia Lopes Ferreira da Silva

**RIO DE JANEIRO
2022**

LUCAS MAIA LOPES FERREIRA DA SILVA

ROCHEDO LUGENTE: UMA BREVE ANÁLISE SOBRE NÍOBE NAS METAMORFOSES DE
OVÍDIO
(METAMORPHOSES, VI. 146-312)

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em Letras:
Português-Latim.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Katia Teonia Costa de Azevedo

RIO DE JANEIRO
2022

FOLHA DE AVALIAÇÃO

LUCAS MAIA LOPES FERREIRA DA SILVA


DRE: 114.161.738

ROCHEDO LUGENTE:
UMA BREVE ANÁLISE SOBRE NÍOBE NAS METAMORFOSES DE OVÍDIO
(*METAMORPHOSES*, VI. 146-312)

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito final para a obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação de Português/ Latim.


Data de avaliação: 17/01/2023

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 Katia Teonia Costa de Azevedo
Data: 04/01/2023 22:24:47-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>


NOTA: 10 (dez)

Katia Teonia Costa de Azevedo
Professora Doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 ANA THEREZA BASILIO VIEIRA
Data: 04/01/2023 09:14:08-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

NOTA: 10 (dez)

Ana Thereza Basílio Vieira– Leitora Crítica
Professora Doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 ARLETE JOSE MOTA
Data: 17/01/2023 15:57:54-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

NOTA: 10 (dez)

Arlete José Mota– Leitora Crítica
Professora Doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro

DEDICATÓRIA

Primeiramente à minha família:

Sr^a. Jaíra Maia Lopes F. da Silva e Sr. José Ferreira da Silva, os genitores cuja perseverança hercúlea me serve de combustível para ir mais além. Sr. Genebaldo Dutra Lopes (*in memoriam*), quem amava deixar danado com minhas tenras diabruras antes de partir, Sr^a. Genilda Maia Lopes e D^a. Jenyr Maia Lopes, as duas mães que me foram pelos Céus dadas nas formas de madrinha e avó. Diny (*in memoriam*), quem ainda ouço sonora pelos jardins.

Em segundo plano, aos cultivadores das belas-letas:

Prof^a. Dr^a. Katia Teonia Costa de Azevedo, quem com todo o carinho do mundo vem segurando a minha mão nesta jornada rumo à jornada acadêmica, e compreendido os meus risos e as minhas lágrimas durante esse processo solene de partejo de ideias. Prof^a. Dr^a. Arlete José Mota, com quem não me canso de rir graças a seu jeito leve de viver a vida e com quem rivalizo na tradução de Níobe. Prof^a. Dr^a. Ana Thereza Basílio Vieira, jamais me esquecerei de quando a Sr^a. me deu licença para recitar o poema 16 de Catulo, para uma turma que nos jurou que não veria mal nenhum nisso, nem das vezes que conheci a sua solicitude ora no silêncio, ora trocando poucas palavras. Prof. Dr. Pedro Ivo Zaccur Leal, cujas aulas de latim genérico motivaram o meu ser a estar onde estou. Prof. Dr. Pedro Baroni Schimidt e Prof. Dr. Guilherme Guerreiro Brito Losso, quem juntos me prestaram conselhos valiosos quando estive indeciso de migrar ou não para a área de Letras Clássicas. Prof^a. Dr^a. Flávia Trocoli Xavier da Silva, quem deu novo fôlego à minha apreciação pela literatura. Prof^a. Dr^a. Adriana de Souza Jordão Gonçalves e Prof. Dr^o. Thiago Rhys Bezerra, quem me lembraram ser indelével o meu amor por literatura inglesa.

Em terceiro, às pessoas de quem também faço questão de lembrar:

Dr^a. Elaine Silveira de Souza, cujo dom da escuta e da entrega não me cessam de maravilhar. Sr^a. Jaqueline Rayane de Moura Lima, cujos assuntos não me fazem deixar de pensar o quanto as sereias, Helena, o crocitar do corvo, girassóis, o fato de todos se sentirem estrangeiros, as praias do Rio e o disco '*Camisa 10 joga bola até na chuva*' fazem até nexos nessa estranha piada, que é a vida. Dr^a. Patrícia Rito, uma dessas pessoas de visão arguta que percebeu na minha personalidade haver algo que eu passaria só mais tarde a ter plena atenção, constatando o quanto o mundo perde quando não nos fazemos ser ouvidos. Dr. Herman Koltz e Dr. Bezerra de Menezes, cujas palavras não cessam de soar como bálsamo quando menos espero.

Por último, mas não menos importante, a todas as pessoas que já não estão mais presentes, e nem por isso me deixaram de ensinar, à sua própria maneira, tesouros que o tempo jamais roubará de mim.

Os meus mais sinceros votos de gratidão!

Silva, Lucas Maia Lopes Ferreira da
Rochedo lugente: uma breve análise sobre Níobe nas Metamorfoses de Ovídio
(*Metamorphoses*, VI. 146 – 312) / Lucas Maia Lopes Ferreira da Silva – 2023.
52 f.

Orientador: Katia Teonia Costa de Azevedo
Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Latim) – Universidade Federal
do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 47 – 52.

1. Literatura latina 2. Mitologia 3. Luto. I Ferreira da Silva/ Lucas Maia Lopes II –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2022

RESUMO

Esta monografia explora o luto materno na antiguidade clássica por meio do arquétipo literário de Ovídio. Utilizando edições críticas de Lafaye (1966) e Miller (1951), o estudo concentra-se no mito de Níobe (Met. 6.146-312) como um exemplo prototípico. Loraux (1994) apresenta o ‘paradigma do rouxinol’, enfatizando o luto feminino universal, enquanto Pinheiro (2007) desenvolve o ‘paradigma da mater orba’ para destacar as semelhanças entre mães enlutadas. Por meio de três capítulos, o trabalho contextualiza Ovídio, analisa a relação entre mito e literatura e aprofunda-se na questão de se Níobe é vítima da calamidade que acometeu os nióbidas. O intento dessa indagação é contribuir satisfatoriamente para a compreensão do luto materno na antiguidade.

ABSTRACT

This monograph explores maternal mourning in classical antiquity through Ovid's literary archetype. Utilizing critical editions by Lafaye (1966) and Miller (1951), the study focuses on the myth of Niobe (Met. 6.146-312) as a prototypical example. Loraux (1994) presents the ‘paradigm of the nightingale,’ emphasizing the universality of female mourning, while Pinheiro (2007) develops the ‘paradigm of the mater orba’ to highlight similarities among grieving mothers. Through three chapters, the work contextualizes Ovid, analyzes the relationship between myth and literature, and delves into the question of whether Niobe is a victim of the calamity befallen all of the Niobids. This comprehensive inquiry contributes as a result to understanding maternal grief in ancient times.

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	p. 08
2	OVÍDIO, O POETA DE SUMONA.....	p. 09
3	MITO E LITERATURA.....	p. 16
4	NÍOBE E O LUTO NAS METAMORFOSES DE OVÍDIO.....	p. 24
5	CONCLUSÃO.....	p. 46
6	REFERÊNCIAS.....	p. 48

INTRODUÇÃO

A presente monografia visa fazer algumas considerações a respeito do luto materno na antiguidade clássica, tomando por base o arquétipo literário elaborado por Ovídio. A leitura da edição crítica de Georges Lafaye (1966) e a de Frank Justus Miller (1951) serviram de norte para a realização deste trabalho de conclusão de curso. Em cada qual, observa-se respectivamente o texto integral das *Metamorphoses* e a tradução comentada para os idiomas: francês e inglês.. Uma riqueza de possibilidades haveria para trabalharmos dentre as mães enlutadas ovidianas, mas aqui se preferiu o mito de Níobe (*Met.6.* 146-312), pois acreditamos ser o mais prototípico dos mitos para adentrarmos essa esfera de assunto. Prototípico de tal modo que dois paradigmas serão cunhados por duas autoras. A primeira, sendo a francesa Nicole Loraux (1994, p. 47)¹ nomeará o seu de ‘paradigma do rouxinol’ por acreditar que o luto feminino é uma experiência generalizante, independentemente se sentido por uma mãe, uma filha, uma irmã, uma viúva etc.; pois remete sempre à ideia dessa mãe que perde o seu filho e é culpada por tê-lo perdido; assim como acontece com o mito de Procne (*Met.6.* 424-674), metamorfoseada em rouxinol para fugir da fúria iminente do seu marido Tereu, metamorfoseado em poupa após prossegui-la incessantemente por ela ter-se vingado, da barbárie por ele cometida, assassinando o filho de ambos. A segunda, sendo a portuguesa Cristina Santos Pinheiro (2007)², conceberá o ‘paradigma da *mater orba*’ para relatar-nos as semelhanças existentes entre todas essas mães que se enlutam por terem sido orfanadas e, até mesmo, aquelas outras que se enlutam por elas próprias orfanarem-se.

Destarte, pretende-se com o primeiro capítulo contextualizar todos acerca de quem foi o poeta Ovídio e o panorama histórico que o situava no Império Romano. A partir do segundo capítulo, trataremos da relação existente entre mito e literatura. Até chegarmos ao terceiro capítulo, em que nos aprofundaremos na análise do próprio mito de Níobe para respondermos, fundamentados na leitura de Ovídio e guiados pela autora Loraux (1994) e Pinheiro (2007), o questionamento ao qual nos propusemos: Será Níobe vítima da calamidade que baixou sobre os níobidas?

¹ *As mães de luto*: uma tradução de Cristina Pimental para Edições Cosmos (p. 47).

² *O paradigma da mater orba nas metamorfoses de Ovídio*, retirado do 40º colóquio internacional de Lisboa, realizado pelo Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, e cujo tema foi: *Ovídio: exílio e poesia – Leituras ovidianas no bimilenário da “relegatio”* (p. 159-170).

2. OVÍDIO, O POETA DE SUMONA

Talvez também fosse absurdo imaginar o indivíduo bem-aventurado como um solitário. Ninguém optaria por ter a totalidade das coisas boas sob a condição de ser reduzido à solidão, *pois o ser-humano é um ser social e destinado naturalmente à vida coletiva*; em conformidade com isso, o indivíduo feliz vive em sociedade, porque possui tudo que é naturalmente bom. E é obviamente preferível a companhia de amigos e de indivíduos bons a de estranhos e encontros casuais. Disso tudo concluímos que o indivíduo feliz necessita de amigos. (Arist. *Eth. Nic.* IX, 9, 1169 b 18/20)³

Públio Ovídio Nasão (43 a.C. – 17 d.C.)⁴ foi um poeta romano que nasceu em berço aristocrático, graças ao brasão dos Equestres. O local de nascimento remonta à Sumona, numa época que a República de Roma se habituara a convulsionar com as disputas políticas propagando-se, incessantemente, por toda a parte do orbe terrestre. Uma era tão instável a ponto de sabermos que Marco Túlio Cícero (106 a.C. – 43 a.C.)⁵ morreria no final daquele mesmo ano que Ovídio nascera, e que este também tinha sido o mesmo destino de Caio Júlio César (101 a.C. – 44 a.C.)⁶ há apenas um ano. Províncias insurgiam-se contra a Urbe por todo o império romano, e a própria capital infestava-se de guerras fratricidas.

Ovídio fora criado para ser um jurista⁷ segundo os desígnios paternos. Ele, aliás, seguiria essa carreira dos assuntos públicos junto do irmão mais velho, no intuito de ambos assegurarem ainda maior prosperidade aos negócios de família. Todavia, pouco após morrer o irmão à flor da mocidade, Ovídio decide contrariar o genitor, quando abdicou do *cursus honorum*⁸ pela predileção à poesia, que nos recônditos da alma lhe significavam muito mais.

Até lá, no entanto, muito se passará no cenário político de Roma; uma vez que após os famosos idos de março, um segundo triunvirato (43 a.C) será oficialmente instaurado entre

³ Tradução de Édson Bini, publicada pela Edipro (2020, p. 345-346)

⁴ Seguindo as referências indicadas por nota introdutória de João Oliva Neto, em sua tradução bilíngue das *Metamorfoses*, editora 34 (2017, p.7)

⁵ Preâmbulo *A época de Cícero* redigido por Gilson Cesar Cardoso de Souza, para a edição de *Da Amizade* de Cícero, Martins Fontes (2012, p. VII-XVI)

⁶ *Ibidem*

⁷ Ettore Paratore (1983, p.503) em sua obra '*História da Literatura Latina*', não deixará de nos assinalar que Sêneca, o Velho, recorda àqueles que lhe dedicam alguma leitura de que foram Aurélio Fusco e Pórcio Latão, ilustríssimos rétores nos tempos de mocidade de Ovídio, quem o haviam iniciado nas artes do discurso retórico. Em seguida, jornadeou o célebre percurso intelectual à pólis ateniense. Dali rumou para o Egito, adentrando a Ásia Menor. E, de retorno, deu foco à Sicília, localidade onde se demoraria por um ano inteiro. Só assim de lograr ele de visitar o palco onde diversas personagens míticas viveram suas lendas. O que lhe serviria, muito provavelmente, de inspiração sobremaneira, com a sua tecelagem de mitos.

⁸ Curso honorífico, em tradução *ipsis litteris*, ou, em outras palavras, a sequência de magistraturas dentro da carreira política de Roma: <http://www.livius.org/articles/concept/cursus-honorum> (último acesso: 04 de janeiro de 2021 às 19:41).

Otávio, Lépido e Marco Antônio, para irem atrás dos responsáveis por conspirarem a morte de Júlio César, quem, tornando-se em 45 a.C. ditador perpétuo de Roma, fizera alguns partidários da velha aristocracia temerem pelo futuro da República. Tal aliança tríplice levará Otávio até a Batalha de Filipos (42 d.C.)⁹, na qual aniquilará todos os conspiradores do seu tio-avô. E toda essa tensão no ar só cessará de derramar sangue em meio a mais conflitos intestinos, quando o caos deixar de ser a lei de Roma; prestes a esfacelar-se por inteira. Uma vez instaurada a *Pax Augustana* (27 a.C. – 180 d.C.)¹⁰ por Otávio, um principado é-lhe consagrado após triunfar sobre todos os seus inimigos, e finalmente celebrado pelo título de Augusto, como se observa no trecho abaixo:

“Caesar himself was eager to be called Romulus, but he senses that this would raise a suspicion that he coveted kingship, and so he desisted and accepted instead Augustus, which signifies something superhuman; the most precious and sacred objects are called augusta. In Greek he was addressed as Sebastos, from the verb meaning “to revere.”

(Hadas 1956, p. 90)

“Ao próprio [Otaviano] César agradaria o título de ‘Rômulo’, mas tal medida lhe pareceu que levaria alguns à suspeita de que sua ambição fosse o reinado. Então, ele desistiu de ser chamado assim, e preferiu o título de ‘Augusto’ ao invés; o quê lhe conferia à ideia de super-homem. As mais sacras e caras dentre todas as coisas eram consideradas “*Augusta*”. No grego, a maneira como se dirigiam a Otaviano era ‘Sebastião’, palavra oriunda do verbo ‘venerar’.

(Tradução de nossa autoria)

Só os que viveram esses tempos turbulentos para verdadeiramente compreenderem o fratricídio que costumava ser Roma antes da conquista de Otávio Augusto. E isso era algo que Ovídio, justamente por fazer parte dessa nova safra de homens, muito vagamente conseguia ter qualquer noção. Talvez tenha sido por isso que o poeta de Sumona enxergou a vida de modo mais ameno, como nenhum outro poeta romano, desfrutando de todos os gozos que o luxo urbano lhe podia conferir, e dedicando a sua primeira parte de produção artística a uma concepção mais preocupada com iniciar os jovens nas artes da sedução e como se livrarem das armadilhas amorosas. Ovídio, antes de se tornar o poeta das *Metamorfoses*, ocupava-se mais em escrever sobre carmes amorosos. O ar que respirava, diferentemente dos outros mortais, é provável de ter sido o mesmo por onde Eros dardejara múltiplas flechas. À poesia ovidiana, muito mais lhe interessava os carmes eróticos do que enfadar-se com os de seara política. À poesia de Ovídio, muito mais lhe interessará os deuses, operando inúmeras transmutações até os seus dias hodiernos, enquanto estiver redigindo a sua *magnum opus*, considerada pelo cânone

⁹ Aqui se faz menção do autor norte-americano Moses Hadas: *A History of Rome* (1956, p. 83-84)

¹⁰ Com a coroação de Augusto estabelecida e até o ano da morte do Imperador Marco Aurélio compreendida, pois se inicia a partir daí a decadência do Império Romano.

ocidental ter sido as *Metamorphoses*. Ao poeta de Sulmona, muito se lhe interessaria concluir os *Fastos*, ultimados só até os seis primeiros livros (cada qual correspondente a um mês), caso não fosse o súbito golpe recebido de Augusto, quem o precipita em exílio, por motivos até hoje por nós questionáveis. O quê, nas palavras de Farmhouse (2014, p. 13-14)¹¹, o arrasará de modo que fará Ovídio dedicar a última parte de sua trajetória literária mais voltada para serem elegias cheias de desespero, saudades, revolta, desolação, e (in)conformismo. Assim se irisarà a pintura de quem foi Ovídio nas mais escuras das suas horas, resistindo do único jeito como melhor conhecera de aguentar a vergonha¹² de ter sido banido de Roma:

De facto, no ano 8 d.C., por razões nunca definitivamente esclarecidas, Ovídio é banido por decreto de Augusto. Aos cinquenta anos, era de longe o poeta mais prestigiado, sem rival desde que a extraordinária geração de Vergílio e Horácio desaparecera. A acusação era a de *Majestas* (ou seja, atentado contra a pessoa, a política ou a autoridade do *Princeps*); o local decretado para a *Relegatio* (modalidade de exílio em que o condenado podia conservar os bens e direitos cívicos) era Tomos, nas margens do Mar Negro, a actual Constanza, na Roménia. Nessa época, era uma longínqua cidade no extremo do mundo civilizado, para lá do Danúbio, vagamente sob a autoridade do reino da Trácia (um estado satélite de Roma), muito superficialmente helenizada, e onde ninguém, segundo o poeta, perceberia uma palavra de latim. Cenário insuportável para um requintado cidadão romano como Ovídio. [...] Apesar de todos os esforços, os seus e os dos seus amigos em Roma, Ovídio nunca regressou à pátria, mesmo após a morte de Augusto em 14 d.C. E no desterro faleceu no ano de 17.

Metamorfoses (2014, p. 13 -14)¹³

Muito se sustentará a hipótese de que pouco após a publicação de *Ars Amatoria*, um escândalo sem precedentes se dará nas esferas familiares de Augusto. Um único indivíduo jamais ousaria conceber a ideia de estar Júlia, a própria filha do primeiro dentre todos os cidadãos, cúmplice. Tácito (*Ann.* III.24) opinará, inclusive, o quão longe por demasia vai o principado de Augusto ao tratar vícios torpes da natureza humana, comum tanto a homens e mulheres, da mesma maneira como sacrilégios e atos de mais alta traição, assim largando no esquecimento acerca do quão magnânimos haviam sido os que legislaram outrora. Augusto tratava a própria família de um jeito até mais severo do que o jeito como lidava com o desregramento alheio. Tudo nos leva a crer que justamente por conta desse desencadear de

¹¹ Na introdução de Paulo Farmhouse, na edição das *Metamorfoses* para a editora Cotovia.

¹² Segundo o quê o próprio Ovídio nos expõe páginas avante dos seus *Tristia* (4.10.77–84), nós lemos ter Ovídio reconhecido que a única coisa boa que lhe sobreveio após o exílio foi saber que os pais já estavam, há muito, mortos para testemunharem a sua desgraça. Segue adiante uma breve tradução de nossa autoria referente a esse trecho: “E em meio à morte de meu pai, já aos noventa e tantos, chorei justo como se houvesse sido ele quem me perdera. Prestei os meus últimos tributos à minha mãe. Felizes ambos que enterrados foram na época certa, antes do dia quando fui severamente penalizado! O quão feliz de mim, pois, estando eles não mais vivos, uma vida triste vivo, sem nada haver de que se condoído por mim!”.

¹³ Farmhouse, op. cit., 2014, p. 13-14)

eventos, Ovídio será relegado da Urbe. Mas o quê exatamente o poeta tenha de culpado nisso tudo é um mistério por ninguém descoberto até hoje.

A única coisa que nos cabe é especularmos a respeito daquilo que haja de fato acontecido dois milênios atrás. E para tanto, evocamos o raciocínio de Grimal (1992) sugerindo-nos que por volta do ano I da nossa era, uma conspiração contra a figura do *princeps* muito provavelmente foi descoberta a tempo. O mesmo autor salientará no decorrer de *Le siècle d'Auguste*¹⁴ (1992) que justamente por causas conspiratórias é que a sua filha Júlia, mãe dos supostos herdeiros do principado, será exilada, por razões conspiratórias, na ilha de Pandatária (Ventotene)¹⁵; porém sobre o pretexto de conduta adúltera. O subterfúgio perfeito para levar o próprio Augusto à condição de promotor perante o Senado, acusando os seus réus através de agravante sobre agravantes. Julo Antônio, segundo filho do prévio rival Marco Antônio¹⁶ e amante de sua filha adúltera Júlia, foi condenado à pena capital; enquanto outros quatro cidadãos da mais alta estirpe, sentenciados ao exílio. Todavia, o quê nos soa realmente contraintuitivo: a razão pela qual custará longos anos para Augusto considerar os escritos ovidianos impudicos a ponto de banir *Ars amatoria* das três bibliotecas públicas romanas e condenar o poeta ao desterro. Além do mais, se o quê Ovídio escrevesse tinha um caráter tão nefasto à política vigente de Roma, é de se causar estranhamento o fato de Augusto não ter proibido a livre-circulação de suas correspondências com seus amigos e familiares, residentes em Roma. Destarte, torna-se extremamente oportuno trazer o parecer de Green (1983)¹⁷, quem não só vai ao encontro de Grimal (1992), como levanta também a possibilidade de rancor e vingança sendo aplicada no poeta, que não muito poderia ter feito caso realmente soubesse da conspiração que armavam contra o imperador. Se lhe confessasse o quê sabia, chances haveria de que sua cabeça rolaria pelos conspiradores; se em silêncio permanecesse, Ovídio só poderia esperar da situação o melhor desfecho possível. As tramas políticas eram complicadas demais para um poeta apolítico enveredar-se. A questão, no entanto, foi que o seu julgamento

¹⁴ Foi-se utilizada a obra *O século de Augusto* (2020, p. 89), traduzida por Rui Miguel Oliveira Duarte e publicada por Edições 70, para a realização da presente monografia.

¹⁵ O atual arquipélago de Ventotene carregou consigo, na época do Império Romano, a má-fama de ser para onde adúlteras, pertencentes à alta-aristocracia recebiam a pena de exílio, após uma série de emendas constitucionais garantida pela *Lēx Jūlia*. Lá não havia homens e as condições de vida eram hostis. Ademais, a proximidade de um vulcão, à costa de Nápoles, pelo mar Tirreno. Fonte: [Pandataria, a ilha onde imperadores romanos exilavam mulheres consideradas promíscuas - BBC News Brasil](#) (último acesso: 11 de dezembro de 2020 às 14:01 horas)

¹⁶ O mesmo general derrotado por Otávio, no Egito, e quem tornou possível a celebração de Otávio logo a seguir como Augusto por parte do senado romano.

¹⁷ Aqui se faz alusão ao prefácio de *Amores & Arte de amar* (2011, p. 40 – 46), redigido por Peter Green para Penguin Classics. A edição que tivemos acesso foi a traduzida por Carlos Ascenso André e publicada pela Companhia das Letras

aconteceu, exclusivamente entre Augusto e Ovídio, a portas fechadas. Uma perfeita realização de *damnatio memoriae* é a única certeza que podemos concluir disso tudo.

E, destarte, surge *Metamorfoses*, um conjunto de *XV libri*, compilando centenas de mitos muito bem urdidos por vias do único e delicado elo: a transmutação perpétua das coisas, de modo sempre ininterrupto, sempre dando origem a novas, assim como também aconteça a todo momento com o tempo. Nas *Metamorfoses* vemos uma grande preocupação de explicar o mais poeticamente possível por que razão o mundo é do jeito como o conhecemos. Pura e simplesmente através da riqueza imagética que a linguagem tem através da habilidade de construir: sutilezas, jogos-de-palavras, encontros e desencontros etimológicos. O autor apropria-se de toda uma cultura que se ia acumulando no decorrer das eras, oral e mnemonicamente, por todos, uma geração atrás da outra. A inspiração de Ovídio nota-se ao nos depararmos com obras gregas, como as do poeta arcaico Hesíodo: *Teogonia* e *O trabalho e os dias*, a partir das quais se é narrado como do Caos tudo surgira até se transmutarem nas coisas comum a todos. Ovídio fez uma releitura de numerosíssimos mitos, adaptando-os para a realidade romana, de modo que os concidadãos, que se deliciassem a cada folhear das suas páginas, redescobririam todos os seres divinos muito mais próximos do que o imaginável até então, extremamente comum os tornava ao convívio de todos. Ovídio deixou bem nítido a que se prestaria logo nos primeiros quatro versos do livro I:

Ov. Met.1. 1 – 4

In nova fert animus mutates dicere formas
Corpora; di, coeptis [nam uos mutastis et illas]
Adspirate meis primaque ab origine mundi
Ad mea perpetuum deducite tempora carmen.

Tradução de nossa autoria

O espírito plana por assuntos de formas
transmutadas para novos corpos; ó Deuses,
princiada a minha obra, favorecei-a « *pois
tanto a vós como às coisas alterastes* », desde as
priscas origens do mundo até os meus tempos, e
conduzi o canto à eternidade.

Ao querermos categorizar as *Metamorfoses*, e é preciso tomar muito cuidado ao se definir algo, é seguro dizermos ter sido a *magnum opus* de Públio Ovídio Nasão. O livro, enquadrado em hexâmetro datílico no decorrer de mais de 250 mitos (DIAS. 2017, p. 35)¹⁸, não narra uma única estória, mas uma sucessão delas. Assim podemos dizer que quase não há fio condutor entre elas, senão palavras muito frágeis a servir de elo entre cada qual. O quê, no entanto, caso fosse o livro desprovido delas, muito provavelmente, não muito perderia; já que os assuntos, por cada mito abordado, são dos mais diversos e respectivamente detentores de sua

¹⁸ Edição bilíngue das *Metamorphoses* de Ovídio: traduzida, introduzida e com notas de Domingos Lucas Dias e apresentada por João Angelo Oliva Neto.

própria subjetividade. E ainda assim, pela riqueza de detalhes com a qual nos vemos circundados por sua seleção vocabular descritiva. A cada novo mito a ser lido, uma nova fotografia a ser tão bem justaposta na película que o encadeamento chega ser (quase) perfeito nessa ilusão de movimento. Que o inverossímil se torne miraculosamente crível! E para se conseguir em sua completude compreender o crível dessa miraculosa ilusão de movimento, façamos imperar a apresentação de Oliva Neto (2017, p.15)¹⁹, presente nas *Metamorfoses* da editora 34:

Ovídio, para produzir imagens dinâmicas na mente do ouvinte ou leitor, se serve só de palavras, sem dispor de luz, cor, espaço ou volume, mas comparada com o comedimento descritivo de Virgílio, [...] um efeito análogo ao que produzem no cinema os efeitos especiais quando utilizados com perícia e considerados sem preconceito: maravilham os olhos, deleitam a mente, concorrem para que se conte bem uma boa história.

O nosso poeta de Sumona foi contemporâneo de Virgílio, Horácio, Tibulo e Propércio. Ele operou sem rivais, após o advento da morte de cada qual; muito embora se haja de convir que o próprio, até orquestrar suas *Metamorfoses*, teve um árduo trabalho pela frente: o de superar ou o de perto, ao menos, chegar desses renomes literários que poucas brechas deixaram de novos nomes surgirem. Assim a época áurea da literatura romana, que florescia por volta de 70 a.C., perpetua-se sagazmente com o início do principado (29 a.C.) augustano, até a morte do *Princeps* (14 d.C.). O cultivo das garbosas letras fez-se notório por meio dos círculos literários augustanos: a) o atrelado à personalidade de Asínio Polião (76 a.C. – 4 d.C.); b) o vinculado à de Valério Messala Corvino (64 a.C. – 8 d.C.); c) e o mais famoso dentre os três correlacionado com a figura de Caio Cínio Mecenas (70 a.C. – 8 a.C.). Todos eles sob o patrocínio direto do imperador Augusto, em determinado momento tido ele próprio o brilhantismo de fazer utilidade de tantos poetas quanto fossem necessários para não apenas promover a sua autoimagem, como a de suas vitórias, de sua *gens Iulia*, da Urbe romana e de toda a sua cultura desde os primórdios das eras. Ovídio tomou para si a incumbência de se lhes igualar, pelo menos. A maneira, pois bem, como melhor encontrou foi o mesmo modo como os seus antecessores também perfizeram o caminho à sua época. Assim como a literatura latina floresce a partir da expansão territorial de Roma desde a Magna Grécia até todas as outras porções helenizadas, é também da intelectualidade helênica que Ovídio vai beber direto da fonte e construir a sua gloriosa

¹⁹ *Ibidem*

reputação. Isso equivaleria, noutros termos, a ‘imitar’ (*imitatio*), isto é, não simplesmente copiar o quê se já foi previamente dito por outros; porém ‘emular’ (*aemulatio*), o quê implica seguir os bons exemplos de ‘autores’ (*auctores*) até se firmar no cenário literário como uma genuína ‘autoridade’ (*auctoritas*). Hesíodo narrou a origem do mundo, do homem e deteve-se nos deuses Olímpicos: Ovídio também o fez; porém ultrapassando Homero ao menos segundo a perspectiva de como os autores enxergavam uns aos outros acertadamente àquela época: *ex nihilo nihil fit*.²⁰

Ettore Paratore (1985, p. 501)²¹, por exemplo, anuirá ser totalmente possível, apesar do seu “mundanismo como fim em si mesmo, privado de qualquer ideal político ou religioso ou moral”, compararmos Ovídio com Cícero. No sentido de que se este último foi para a prosa o máximo modelo de língua latina a ser perseguido, aqueloutro foi para a poesia a sumidade que extravasava os seus versos tão habilmente. Ovídio, dentre os autores romanos, influenciaria a Sêneca (com suas tragédias), a Cecílio Estácio (através de sua aprendizagem quanto à leitura dos secretos recônditos d’alma feminina), a Petrônio e a Apuleio (presentes no erotismo de diversas passagens poéticas suas). Do mesmíssimo modo como aconteceu não só por ali, mas por diversas outras partes do globo. Dante Alighieri, na Itália, conferir-lhe-á o renome de ser depois de Homero e Horácio, o terceiro maior poeta, que o mundo já conhecera, achegando-se eles de Virgílio, quando o personagem de sua Divina Comédia se vir pelo Limbo. William Shakespeare, na Inglaterra, com diversas dramaturgias lhe prestará homenagens: tanto vias de *Sonhos duma Noite de Meio-Verão*, quanto vias do final trágico de *Romeu e Julieta* (a partir dos quais veremos nítido o mito de Píramo e Tisbe). Em solo Espanhol, de igual maneira, Lope de Vega também fará com sua farta produção. Já nos aproximando dos dias de hoje, encontraremos Sigmund Freud e Franz Kafka, como autores que, à sua própria maneira, reinterpretaram uma ou outra passagem de suas obras. Além do mais, também temos a possibilidade de não nos olvidarmos da música, da escultura e da pintura (OLIVA NETO, 2017, p. 28-29),²² as quais imaginemos existir no plano hipotético destituído da presença poética de Ovídio. Felizmente, a celebridade de Sumona preferiu rejeitar a vida de jurista!

²⁰ “Nada surge do nada” é a tradução para a frase atribuída a um princípio metafísico do filósofo grego Parmênides. Neste contexto, a máxima está inserida pela noção de que assim como nada no universo surge sem que haja precedentes, nenhuma poeta florescerá sem inspirar-se em toda uma tradição literária que, de igual modo, o precede.

²¹ História da Literatura Latina, p. 501 – Fundação Calouste Gulbenkian|Lisboa – Manuel Losa, S. J.

²² Também citamos aqui uma segunda obra a complementar o quê falávamos de autores que viriam, na posteridade, a inspirar-se em Ovídio. Se menção fizemos à editora 34, também faremos ao primeiro capítulo introdutório (redigido por Elisana De Carli, Thaís Fernandes e Zilma Gesser Nunes) da edição bilíngue das *Metamorfoses*, publicada pela Editora UFSC (2017, p. 10-11)

A mitologia grega (re)fez-se ainda mais célebre na esfera ocidental com (re)leitura romana. Não é por isso, afinal, que a consideramos greco-romana?. Narciso jamais teria estilhaçado o espelho, e em si próprio introjetado os cacos via agulha hipodérmica, mesmo não lhe causando mal algum. Assim, não teria ele deixado de se agradar com o próprio reflexo há tanto, tanto tempo; pois agora não se teria metido nas sombras seculares do seu porão, receoso de dar as caras para o mundo à sua própria volta)²³ Bernini (1598–1680)²⁴ ou teria perdido muitíssimo de sua riqueza ou em nada teria influenciado o Barroco Italiano. Que legado Caravaggio (1571?–1610)²⁵ nos teria transmito sem quaisquer alusões à Medusa, a Narciso e Baco? Um mundo de imaginação inane muito provavelmente seríamos sem a passagem de Ovídio, o célebre poeta de Sulmona, por esse mundo.

3. MITO E LITERATURA

[...] e aos demais cultivadores da poesia imitativa, o que me parece é que todas essas composições corrompem o claro entendimento dos ouvintes, a menos que estes disponham do antídoto adequado: O conhecimento de sua verdadeira natureza. [...] não devemos pôr o homem acima da verdade. (Plat. *Rep.* X. 595b-c)²⁶

Quiçá tivéssemos uma resposta que abarcasse uma totalitária definição do que seja o ‘mito’... Abordar esse assunto ser-nos-ia muito mais fácil; porém, como Victor Jabouille

²³ Paráfrase do seguinte trecho musical: “*Narcissus broke a mirror and put the shards into his arms/ Via hypodermic needle, but it didn’t do him harm/ a little-self-reflection went a long, long way/ Now he’s hiding in the cellar, scared to show the world his face.*” Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ELD_UqMJIV0&list=PL4F25BCBF708FF358&index=5 (último acesso em 06 de janeiro de 2021 às 14:24 horas), 04:47 minutos.

²⁴ Aqui damos um enfoque, sobretudo, nas seguintes obras de Gian Lorenzo Bernini, quem se inspirara nas produções artísticas da Alta-Renascença: *Eneias, Anquises e Ascânio* (1619), *O Rapto de Proserpina* (1621–1622) e *Apolo e Dafne* (1622–1624), em que a partir do mármore, valer-se-á de uma impressionante ilusão de movimento de ilusão, já nítida no segundo exemplo, em plena estaticidade. Porém, especialmente visível no terceiro exemplo, engendrará o mesmo artifício para produzir o justo momento da transmutação das formas – a ninfa que se desumaniza em loureiro por horror aos amores do mais formoso dos deuses. Fonte <https://www.britannica.com/biography/Gian-Lorenzo-Bernini/Patronage-of-Urban-VIII> (último acesso: 06 de janeiro de 2021 às 15:05 horas)

²⁵ E nem tampouco nos esqueçamos da pintura *Amor omnia vincit*, que apesar de mais fazer alusão às *Bucólicas* (*Ecl. Verg. 10.79*); por consequência da poesia ovidiana, não há como não lembrarmos do poeta de Sulmona. Sobretudo quando se tem em mente que este, em matéria literária, superou Virgílio. Fontes: <https://artsandculture.google.com/story/zgWx2JhhzdgWlQ> (último acesso: 06 de janeiro de 2021 às 15:49 horas); <https://www.britannica.com/biography/Caravaggio> (último acesso: 06 de janeiro às 15:51); <https://www.caravaggio.net/narcissus/> (último acesso: 06 de janeiro de 2021 às 16:08 horas); Vergil. *Bucolics, Aeneid, and Georgics Of Vergil*. J. B. Greenough. Boston. Ginn & Co. 900: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3A1999.02.0056%3Apoem%3D10> (último acesso: 06 de janeiro de 2021 às 19:18).

²⁶ Aqui se adotou a tradução bilíngue de Carlos Alberto Nunes (2017, 3ª edição. Ed.ufpa).

perfeitamente bem salientou, em *Iniciação à ciência do mito* (1994), isso não é algo de natureza cômoda. Ao contrário, uma tarefa hercúlea cuja complicação já se encontra: 1º) ao procurarmos, antes de qualquer coisa, pela recente origem de sua dicionarização em face desse vocábulo prisco; 2º) com a dificuldade, logo em seguida, de rastreamos um paradeiro para a sua real etimologia, mediante a diversas especulações desde a Antiguidade; 3º) quando, finalmente, nos vemos diante das mais plurais correntes de pensamento incumbidas de científicá-lo. Enfim, o dilema entre que utilidade haverá de se racionalizar e o quê deva ser, antes de mais nada, sentido. Desmistificando um mito fica a dúvida quanto à possibilidade de se lhe extrair verdades substanciais para além de mentiras engrandecidas, ao longo dos séculos, pelos poetas. Se a cidade surge, tal qual o indivíduo que nela habita, muito antes de ter consciência de si própria; banir o mito dela impediria que ela resgatasse o seu passado, para que no meio deste processo fatos fossem substituindo o imaginário. Na falta de conhecimentos factuais, privarmos uma cidade, um povo ou um único indivíduo da invenção de seu próprio passado, à sua própria maneira pia, seria o mesmo que afrontarmos contra a sua própria (re)descoberta; o mesmo que replicarmos o erro de contemplarmos a alteridade desdenhando igual a como muitas culturas tidas por civilizatórias fizeram (e ainda o fazem) com as culturas tidas por bárbaras (ou primitivas, vistas sob um viés pura e simplesmente reducionista à condição de produção tecnológica). O banimento dos poetas assassinará a “alma das cidades”²⁷ (LORAU, 1994). O misterioso e o sacro que cerca a todos os seres humanos, tão carentes das respostas fulcrais para as suas indagações essenciais, não inviabilizam uma solução para todos os questionamentos de natureza humana. Assim, acrescenta-se o seguinte raciocínio:

A palavra mito surge registrada pela primeira vez em língua francesa no *Robert* em 1811; em alemão (*Grimm*), em 1815; em inglês (*OED*)²⁸, em 1830, e em castelhano, tardiamente, em 1884, no *Diccionario da Real Academia Española*. Segundo José Pedro Machado é o *Grande Dicionário de Português* ou *Tesouro da Língua Portuguesa* do Dr. Frei Domingos Vieira que em 1873, regista pela primeira vez o vocábulo. (JABOUILLE. 1994, p. 46-47)

O misterioso e o sacro fazem parte da busca pela verdade dos povos, uma vez que esta não surge pronta para nenhum de nós. Ela simplesmente deve ser perseguida e construída no decorrer de uma tradição inteira, enquanto o tempo permitir que ela esteja a perdurar, através de um árduo exercício de constantemente quererem os indivíduos (res)significar os costumes de seus ancestrais. Destarte, é difícil concebermos uma sociedade que não tenha ultrapassado o

²⁷ Conceito através do qual Nicole Loraux faz-se valer para opor-se à noção de leituras muito estreitamente historicizante.

²⁸ Iniciais para a sigla: *Oxford English Dictionary*.

mitológico e, ainda assim em quantos casos, não preserve traços desse pensamento em si mesma. Ou parafraseando Mircea Eliade (1963)²⁹, a necessidade de compreendermos o mito ultrapassa bastante a superficialidade de querermos aprender mais sobre suas respectivas estruturas e o papel que desempenharam nas sociedades, já que só o compreenderemos mais acuradamente quando nos indagarmos quais as suas influências nos dias de hoje.

A literatura frequentemente é feita de mitos. Contemplemos o cânone dos cânones literários, e acharemos Homero e Hesíodo, poetas do período arcaico grego, através do qual inúmeros têm sido os que se inspiraram neles para respaldarem a própria poesia como pertencente à tradição canônica. Contudo, ainda segundo o pensamento do mitólogo romeno Eliade (1963)³⁰, a própria palavra ‘μύθος’ sofrerá um processo de esvaziamento de sentido, desde Xenófanos, que a tornará sinônimo de fábula, mentira, ilusão, já que ‘λόγος’ e posteriormente ‘ἱστορία’ farão referência a tudo aquilo existente entre nós. A tradição judaico-cristã também desempenhará um papel de destaque neste processo de esvaziamento significacional. Nesta linha de raciocínio, o mito explica-se por ser a manifestação que um povo encontra de expressar a sacralidade de como tudo se principiara e será varrido das páginas do tempo. Mitos não são meras fábulas, mas o que normatiza os ritos e os costumes dos povos. É justamente a partir deles que se compreende a razão pela qual esta ou aquela sociedade enxerga o mundo pelas lentes de sua singularíssima tradição. E a literatura não destituiria a mitologia de sua essência; o cultivo das letras, pelo contrário, expandiria o mítico sempre vivo no nosso imaginário.

Por não se tratar do escopo de nossa monografia, caber-nos-á abordarmos, sem muita mora, as palavras de Sócrates que, sendo personificado por Platão, ilustram o quanto o sábio não esconderá a sua aversão aos poetas por preferirem dar vazão às exacerbações alheias na expectativa de serem simplesmente aplaudido por todos: “As paixões alheias de que participamos atuam necessariamente sobre nós. Depois de alimentar e fortificar nossa sensibilidade no sofrimento dos outros, não é fácil conter a nossa em limites razoáveis.” (Plat. Rep. X. 606b).³¹ Haveria sido esta a razão por trás de tantos rancores acumulados por parte de Augusto, a ponto de tê-lo feito expulsar o poeta Ovídio para bem longe de Roma? Haveria sido falta mais grave do que um punhado de poemas eróticos, o motivo real que jamais saberemos?

De todo modo, mui habilmente é urdida a verossimilhança ou, em outras palavras, o

²⁹ *Aspectos do mito* (1986, p. 09 – 13): tradução de Manuela Torres para Edições 70

³⁰ *Ibidem*.

³¹ (Rep. X. 606b) tradução de Carlos Alberto Nunes, p. 815.

“*pacto de verdade*”, para fazermos útil a terminologia do alemão Michael Von Albrecht lidas na dissertação de mestrado realizada por Mariana Peixoto Pizano (2016, p. 28) que se firma entre narrador e leitor, até se chegar ao estágio em que nem se desconfia mais do que é lido. E tornando assim possível que mitos sejam até mais vivos do que a própria vida. Muito embora estarmos a todo instante próximos do pensamento platônico (Plat. *Rep.* X. 597e), assegurando-nos de que se a vida é uma representação da verdade; a arte, sendo uma representação da vida, seria duplamente uma representação da verdade: uma imitação da imitação. Destarte, citando o parecer do humanista alemão em relação às metamorfoses que se operam dentro da *magnum opus* ovidiana:

A descrição de uma metamorfose coloca diante dos olhos do leitor algo irracional, contrário à natureza, e à razão, e ainda assim tão persuasivo, que ele parece ver aquilo acontecendo diante dele. Aqui Ovídio parece dominar o traço estático compartilhado por muitas obras de arte antigas e antecipar possibilidades que só o cinema mais tarde seria capaz de realizar. (ALBRECHT, 1999, p. 805)

Entretanto, por maiores as palavras de Platão, não são elas absolutas; e isso nos permite colocá-las perante uma respeitosa comparação com o raciocínio de Aristóteles, seu pupilo, quem basicamente contra-argumentará o próprio preceptor a respeito de não ser próprio do poeta escrever sobre os acontecimentos, algo que em nada desmereceria em si o seu ofício; mas, sim, compete ao historiador fazê-lo. Na obra *Poética* será defendida a ideia de que a “dubiedade dos poetas” (FANTHAM, 2004, p. 12), de acordo com o próprio Aristóteles, dar-lhes-ão a liberdade de recriarem a realidade mediante possibilidades que supostamente lograssem, a qualquer momento, de acontecer.³²

Não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escrever verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postos em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder.

(Arist. *Poét.*, IX, 50)³³

Ao árduo investigador, quem, assim como os filósofos outrora, não se contentará em simplesmente acreditar com aquilo que cá seja exposto, é de se recomendar a leitura de Paul

³² Destarte, é-nos difícil relembrarmos doutro expoente literário, senão Saramago, que se faça tão bem valer do absurdo, a ponto de torna-lo crível por meio de sua verossimilhança (pouco a pouco construída), no decorrer de romances tais quais: *As intermitências da Morte* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005); *Ensaio sobre a cegueira* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005); *Evangelho segundo Jesus Cristo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005).

³³ Tradução realizada por Eudoro de Souza, presente na dissertação de mestrado de Mariana Peixoto Pizano, *Expressividades poéticas nas Metamorfoses* (2016, p. 32). Editora Ars Poética, 1993.

Veyne, em cujo ensaio *Os Gregos Acreditavam Em Seus Mitos?*,³⁴ encontrará um pensamento solto do próprio autor, antes mesmo de sua jornada intelectual começar no que seria uma espécie de exórdio, refletindo acerca de que “para o senso comum seria contraditório dizer que a verdade é que não há nenhuma verdade.”³⁵ Ora, o leitor mais apressado logo se veria exclamando por carregar consigo uma série de postulados que a vida – ele, ao menos, assim o julga – lhe ensinara serem verdadeiros. Além do mais, os mais afobados é certo que cairão na armadilha da provocativa pergunta sofista que dera título à obra, ao se perceberem duvidando acerca da piedade dos povos gregos acerca de seus deuses, para só depois, já nas páginas finais, receberem o óbvio, como um soco na boca do estômago, lendo que “apenas pela leitura do título, alguém com um mínimo de cultura histórica já teria respondido: «Mas é claro que eles acreditavam nos mitos deles!».” (VEYNE, 2014, p. 196). E dando a entender que o seu intento era simples: evidenciar a visão dos helenos acerca dos mitos.

É interessante de se notar que Veyne (2014, p. 196) o historiador francês mencionado no parágrafo acima, também reforçará a ideia de que essa crença dos gregos na própria mitologia dera-se de modo paradoxal ou até mesmo quando melhor lhes convinha. Isso porque apesar dos mais doutos a julgarem quase sempre ridícula, havia aquela dúvida comichosa sempre a se questionar se não haveria fogo onde o ditado popular de nossa época diz haver fumaça (sobretudo a se tratar dos homens preferencialmente a deuses e heróis). À retórica, ademais, o quanto serviu de muita ajuda falar de mitos, quando se queria demonstrar um ponto mediante uma plateia desejosa de ser comovida. Os filósofos, por mais que relutassem, fizeram-se valer dos mitos inúmeras vezes no intuito de darem mais ênfase a seu ponto.

Sêneca (*De ira*, II. XXXV) que a partir da figura de Belona, descrita como uma deidade “agitada por um flagelo sangrento com sua mão direita”³⁶, e das criaturas infernais, descritas pelos poetas como “rodeadas por serpentes, cuspidoras de fogo, incitadoras da guerra e da discórdia que tanto dilaceram a paz dos povos”³⁷, prescreverá não nos ser lícito irarmo-nos uns contra os outros – por ser tal sentimento uma chaga da alma que deva ser extirpado o quanto antes, assim como o fazemos com quaisquer outros vícios antes de criarem raízes profundas em nós; nefasto primeiramente a nós mesmos, e, em segunda instância, a todos os que rodeiam à nossa volta.

³⁴ Tradução Mariana Echalar. – 1. Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2014

³⁵ *Ibidem*

³⁶ No original: texto em latim. Tradução de José Eduardo Lohner tomada à edição do *De ira* de Sêneca, Penguin Classics (2014, p.146)

³⁷ *Ibidem*.

De volta a Veyne (2013, p. 86–87), o leitor é informado de que Cícero mantinha uma atitude bastante cética com relação a tudo que dissesse respeito às fábulas míticas. Ao que parece não apenas ele, mas os doutos daqueles tempos preferem adotar uma postura de bastante cautela com relação a essas estórias reconhecidas como histórias. O ponto que o autor francês salienta a seus leitores, no entanto, é que tal atitude se prova percorrendo uma trajetória pendular; já que há momentos que esses mesmos doutos rechaçam os mitos veementemente, e há outros que os mais sábios soam retornar à credulidade – seja porque o mito remeta a narrativas infantis às vezes, seja porque o mito nem sempre oculte fogo com sua fumaça. Nessas mesmas páginas, será feita a implícita menção de um autor clássico: Menandro³⁸. Este atribuirá duas espécies bem distintas de origem para as diversas cidades, dizendo que aquelas fundadas por deuses/heróis tendem a ser míticas ‘μῦθοιδης’; pois geram menos confiança, quanto à sua origem, do que aquelas fundadas por reles mortais. Veyne também chama a nossa atenção para o fato de que nenhuma outra palavra passou a ser empregada das mais variadas maneiras, desde priscas eras, do que ‘μυθώδης’. O que antes se utilizava para engrandecer narrativas, pelos mais conscienciosos autores foi posteriormente empregado para tirar a responsabilidade deles quando suspeitavam de alguma tradição. Então, não era raro vermos expressões do tipo “um mito diz que...” para deixar aberto à interpretação alheia sobre o assunto em questão. Uma apropriação pejorativa para tudo que dissesse respeito a mitos. Paul Veyne (2013, p. 86-87) relata-nos o quanto se frustrou o historiador Éforo, quando intentara revelar a verdade por trás da mitologia... mas teve de se contentar com o único assunto da narrativa sobre o retorno dos Heráclidas³⁹, pois ele próprio, como o autor daquela obra, percebeu de que a verdade estava muito além dos seus olhos para ser divisada.

Destarte, em seu ensaio, o próprio Paul Veyne (2013, p. 78) prosseguirá o seu raciocínio a respeito da mitologia durante o Helenismo até nos explicar que neste período histórico, os helenistas farão da mitologia uma disciplina escolar. O que para muitos significará o mesmo que dizer ensinar qualquer coisa morta dentro de sala de aula, e o autor francês apontará para justamente a direção contrária. Um organismo tão vivo com o qual os intelectuais daqueles tempos se viram lidando, que em muitos despertará uma ânsia irrefreável por recolher as inúmeras variantes desses mitos, e por simplificá-los ao máximo dentro de uma única que melhor fosse conveniente às elites beletristas como algo oficial. Um enfoque, inclusive, dá para

³⁸ Menandro, o Retórico, *Sobre os discursos epidícticos*. In Spengel *Rhetores Graeci*, v.3, p.359, 9 (nota de rodapé retirada da editora Unesp)

³⁹ Diodoro, IV, 1,2.

Calímaco, quem se muniu de propósitos estéticos alexandrinos e de sua devoção patriótica, e para seus êmulos, como foi o caso de Pausânias quem, em Calímaco se inspiraria quatro séculos mais tarde, percorrendo toda a Grécia, e vasculharia bibliotecas inteiras com afínco semelhante. A mitologia vai-se transformando em tempero para as literaturas lendárias que surgiam àquela época: algo de cunho livresco repleto de uma predileção por metamorfoses, até desaguardem as vagas do tempo nos tempos dos *Poetae Novi*, com especial atenção a Catulo, e posteriormente nos de Ovídio. Assim, o modo de se pensar os mitos, propriamente das massas, vai ganhando pouco a pouco um teor mais institucionalizado pelo Império Romano, fazendo com que muitas variantes mitológicas, assim como se tenha sempre dado com as línguas e suas variantes, simplesmente mergulhassem nas águas do oblvio.

Na mão dos helenistas, o mito ganhará uma roupagem mais ilusoriamente racionalista, segundo Paul Veyne (2013, p. 78 – 80), por haver um crescente número de leitores, os quais apesar de crédulos às fabulações; cultivavam-se pela erudição que só os livros poderiam conferir-lhes. Aquilo que pertencia ao universo da transmissão oral passará a ser recontado por vias escritas. Haverá uma ruptura de como se deva enxergar o mundo; pois se por um lado o verbo voa (vivamente entre todos), a escrita permanece (só para poucos compreensível).⁴⁰ Esse novo público aspirará a fabulações que recriem o maravilhoso à impressão de que fossem históricas; como se de fato houvessem ocorrido num passado não mais anacrônico, mas pertencente à cronologia natural das coisas. Nas mesmas páginas supracitadas, ademais, será evocado o historiador Diodoro para ressaltar o quão difícil era, para os historiadores já daqueles tempos, acessar episódios de um pretérito remoto. A cronologia desenhava-se repleta de imprecisões entre fragmentos históricos e mil estórias fabulosas. Em que se baseariam de palpável? Como os historiadores evitariam de ser reféns da credence popular? Tais dilemas são assim elucidados:

Muitos historiadores, diz Diodoro, “evitaram a história dos tempos fabulosos por considerá-la uma dificuldade”;⁴¹ ele mesmo fará questão de preencher essa lacuna. Zeus foi um rei, filho de um certo Cronos que reinou sobre todo o Ocidente; esse Zeus foi realmente o mestre do mundo; não se deve confundir esse Zeus com um de seus homônimos,⁴² que foi apenas rei de Cretas e teve dois filhos, chamados Curetes. Cem páginas adiante, o mesmo Diodoro⁴³ toma como certas e seguras as viagens

⁴⁰ Alusão ao provérbio latino: *verbum volat, scripta manent*

⁴¹ Diodoro, I, 3.

⁴² *Ibid.*, III, 61; os livros IV e VI são dedicados às gerações heroicas e divinas da Grécia. A guerra de Troia se encontrava, provavelmente, no livro VII. Esses primeiros livros de Diodoro, com seu panorama geográfico e uma parte enorme de mítico, dão talvez uma ideia do que foram os primeiros livros de Timeu.

⁴³ Em V, 41-6, e num fragmento do livro VI, preservado por Eusébio (*Preparação evangélica*, II, 59). Dörrie (Der Königsult des Antiochos von Kommagene, *Abhandlungen der Akademie der Wissenschaften in Göttingen*, III, 60, p.218) considera que o romance de Evêmero era uma utopia política e um espelho dos príncipes; ele dava o modelo ou a justificação do rei evérgeta. Talvez. Contudo, a parte de maravilhoso e pitoresco supera de longe a

imaginárias de Evêmero a ilhas maravilhosas; uma dessas ilhas teve como reis Urano, Cronos, Zeus, que foram divinizados por seus evêrgetas, como comprovam as inscrições gravadas na língua do país, e que, “entre nós”, tomamos por deuses. Evêmero disfarçou de ficção uma operação de desmistificação religiosa ou até política? Sua intenção não era fornecer aos leitores razões modernas para acreditar no mito e no maravilhoso? As pessoas eram de uma indulgência infinita com os fabuladores. Não davam muita importância às fábulas que liam nos próprios historiadores, mesmo que não admitissem ter “mitografado”, pois diz Estrabão,⁴⁴ elas sabiam que eles não tinham outro propósito a não ser divertir e surpreender com um maravilhoso inventado. Mas o maravilhoso da época helenística tem nuances racionalistas, de modo que por inadvertência os modernos se sentem tentados a louvar neles um combate pela verdade e pelas luzes.⁴⁵

(Veyne, 2013, p. 79–80)

O caráter mais institucional que posteriormente o Império Romano também conferirá à mitologia, afastará os mitos do modo como as massas os concebem. Uma variante será preferida em detrimento de múltiplas outras, assim como se tenha sempre dado com as línguas naturais. Logo, um breve paralelo nos seja permitido traçarmos com o artigo *Gramática e Política*⁴⁶, autoria de Sírio Possenti, no qual encontraremos, segundo Fischman (1975)⁴⁷, quatro atitudes básicas adotadas em relação a variedades privilegiadas, dentre as quais a terceira e a quarta delas são as que mais convém mencionar, quando o assunto é estreitar um elo entre o conceito de língua e política (estabelecido por Possenti) e um possível de mito (proposto aqui). O terceiro item linguístico de Fischman refere-se à ‘historicidade’, isto é, as línguas exigem dos seus falantes uma reconstrução de seu passado, para descobrir sua ‘honrosa estirpe’ – assim como os novos ricos, em sua própria analogia, também o fariam com sua ascendência –; e para a maioria delas, nada melhor do que derivar do latim (desde que não significasse remeter ao mesmo latim dos soldados). Já o quarto item linguístico que Fischman abordará a ‘vitalidade’, ou seja, as primeiras gramáticas de línguas neolatinas, que surgiram durante o período de colonização ibérica sobre o Novo Mundo, com as seguintes alegações: “um grande império merece uma grande língua”⁴⁸ ou “as gramáticas são necessárias para que a língua possa ser levada para as colônias, para que lá possa permanecer mesmo quando terminar a dominação

das alusões políticas; além do mais, nem toda a ilha de Pancaia obedece a um rei: existe ali uma cidade, uma espécie de República sacerdotal. De fato, a ideia de que os deuses são homens meritórios, que foram divinizados ou tomados por deuses, está por toda a parte e ultrapassa amplamente a obra de Evêmero, que se limitou a tirar proveito disso para escrever um conto.

⁴⁴ Estrabão, I, 2, 35, p.43 C.

⁴⁵ *Ibid.*, IV, 8. No livro II da *Preparação evangélica*, Eusébio cita longamente as mitografias de Diodoro sobre Cadmo ou Hércules.

⁴⁶ Retirado de *O Texto na Sala de Aula*, uma coletânea de artigos de diversos autores, organizada por João Wanderley Geraldi e publicada em 1984. Porém, publicado originalmente na revista *Novos Estudos Cebrap*, v. 2, n. 3, nov. 1983, p. 64-69.

⁴⁷ Aqui se faz alusão à obra *Sociología del lenguaje*.

⁴⁸ Trecho traduzido por Sírio Possenti

política.”⁴⁹. E para o Império Romano, nada como revisitar a tradição grega, só para imprimir-lhe uma visão que fosse compatível com o seu modo particular de enxergar o mundo, e que julgava ser o mesmo, universalmente, compreendido por todas as províncias filiadas à urbe de Roma; pois enquanto o próprio Império de Roma reconhecia a si próprio, revestido de intelectualidade e não só belicismo, agora também lhe surgia o imperativo de tornar o mundo totalmente diferente de outrora: levar a civilização, conceito este recém adquirido pelos romanos, até os outros povos, meros bárbaros que necessitavam de ser salvos da ignorância que suas próprias culturas os enclausuravam.

4. Níobe e o luto nas metamorfoses de Ovídio

Vítima⁵⁰

Nada dura para sempre, é verdade, para o quê seja bom
Tudo nesse mundo, sacrificaria se isso fosse, de algum modo, salvá-los
A culpa deve ter sido das circunstâncias que nos extremaram
Outrora tão orgulhosa, atualmente sem resposta.
(AVENGED SEVENFOLD, 2010)

É interessante de se notar a maneira como *As mães de luto* (LOURAUX, 1994, p. 10) bebe direto da fonte Shakespeariana. A peça *Richard III* (ato IV, cena 4) torna-se tão certa quanto uma flecha ao alvo, nas hábeis mãos da pensadora, quando ela decide fortuitamente semelhar a rainha Margarida à deusa grega Deméter, ou Ceres segundo a crença dos romanos, no simbolismo por trás da prostração junto a outras duas rainhas vitimadas por um sofrimento em comum: a perda de um filho. O bardo d’Avon⁵¹ faz um antigo provérbio⁵² – o qual originou

⁴⁹ *Ibidem*

⁵⁰ O título original da canção norte-americana: *Victim*. Apesar do contexto de luto vivenciado pelo conjunto musical, com relação à morte do seu baterista, este ainda a gravava em estúdio antes de falecer. Portanto, o trecho da letra original foi deliberadamente traduzido como se Níobe fosse o eu-lírico, já que não fica muito claro ser homem ou mulher o ponto-de-partida do compositor: *Nothing lasts forever for all good things it’s true/ I’d rather trade it all while somehow saving you/ It must have been the season that threw us all out of line/ Once I stood so tall, now I’m searching for a sign*. Além disso, destacamos as seguintes palavras: ‘*You*’ (pronome pluralizado no intuito de transparecer um eu-lírico que remita a seus filhos exterminados, ao invés de singularizado como habitualmente o traduzem por se esquecerem dessa sua ambivalência numérica), ‘*It*’ (sujeito expletivo sem muitos correspondentes com a língua portuguesa) e ‘*I stood so tall*’ (ao pé da letra, traduzido por: ‘Eu mantive/mantinha a cabeça tão erguida’; mas aqui se preferiu uma tradução mais simplificada e posta no feminino através do adjetivo: ‘Orgulhosa’, uma vez que a língua inglesa prova-se bastante ambivalente com relação ao gênero dos vocábulos).

⁵¹ Epíteto conferido à Shakespeare.

⁵² A tradição erudita medievá, apropriando-se do latim como a sua língua franca, legou-nos o seguinte fragmento escolástico: “*Solamen miseris socios habuisse doloris*” (trecho de *Chronicon de rebus in Apulia gestis*) – através do qual se compreende o seguinte: “O consolo para os desgraçados seria ter tido companhia em tempos de dor.”, quando o traduzimos ao pé da letra. Tal obra é datada do século XIV d.C. Já a sua autoria remonta ao historiador italiano Dominici De Gravina, pela expressão hodierna: *Misery loves company*.

a popular expressão idiomática no universo anglo-saxônico: ‘*Misery loves company*’⁵³ – valer no momento que esta terceira rainha inglesa surge em cena para exortar o bizarro concurso de luto daquelas duas, de maneira ainda mais retroalimentícia, no intuito de provar-lhes que a dor dela era a maior de todas por não só ter gerado o próprio luto, como o de ambas inclusive: o desalmado do seu filho (sucessivas vezes) regicida, o próprio Ricardo III. Ao passo que a deusa Ceres, igualmente, deixa-se tombar debaixo de uma oliveira, para ali se ensimesmar no próprio luto de sua filha, quem a princípio julgava desaparecida; e à medida que o tempo vai-se prolongando, o desespero materno a engolfa de tão exacerbado, uma vez que se tenha convencido de que Perséfone/ Proserpina morreu sem deixar quase vestígio algum.

A ira serve muito bem de combustível a essas mães enlutadas, que se vingam cada qual à sua própria maneira – umas imprecando de modo que o reiterado regicida jamais obtenha paz de espírito, caso logre o tão desejado trono disputado entre as casas reais: York e Lancaster; a divindade frumentária sentenciando toda a civilização à ruína, e assim condenando todos os deuses a perecerem junto dos homens, que não mais existiriam para render-lhes cultos à posteridade; o quê fadaria o panteão ao próprio crepúsculo, caso ela própria, Ceres, não reouvesse de Júpiter a filha raptada por Hades, o senhor do submundo. Mas pobre de Níobe; pois esta não detinha a mínima chance de dirigir sua vingança contra quem lhe praticara vilania sem igual. À rainha Margarida e à deusa Ceres é possibilitado um alvo imperdoável mediante as faltas hediondas cometidas; mas à tantálida Níobe... até mesmo isso lhe é negado! Ilógico, concebermos a ideia de que deuses e humanos estejam equiparados a tal ponto que mortais sejam capazes de fulminar as divindades. Assoberbado, se julgássemos essa lógica plausível. Uma lógica, ademais, que o próprio mito de Níobe não admite, uma vez que ela suportará a gravíssima consequência de ter atraído a cólera divina para si:⁵⁴

Ov. Met. 6. 206 – 217

« En ego uestra parens, uobis animosa creatis,
Et nisi Iunoni nulli cessura dearum.
An dea, sim, dubitor ; perque omnia saecula cultis
Arceor, o nati, nisi uos succurritis aris.
Nec dolor hic solus; diro conuicia facto
Tantalís adiecit vosque est postponere natis
Ausa suis et me, quod in ipsam dedidat, orbam
Dixit et exhibuit linguam scelerata paternam.
Adjectura preces erat his Latona relatis :

Tradução de nossa autoria

“Nada me orgulha mais do que vos ter por filhos; uma vez que abaixo de nenhuma deusa, senão Juno, sei que estou. Será possível que ainda duvidem de minha divindade? Já chego a ser privada dos cultos desde muito a mim dedicados; e se vós não me socorrerdes, meus filhos, serei proibida de frequentar os meus próprios altares. E como já não me fosse suficiente esta dor causada, a filha de Tântalo tornou-se ainda mais culpada por ostentar hoje a mesma língua do pai. A plenos pulmões,

⁵³ Palavras que só vieram a ser popularizadas graças à estreia da peça *The tragical history of Doctor Faustus* (Marlowe, 1589 ~ 1592), que fielmente a reproduziu na fala do demônio Mefastófilis, e as quais cairiam na graça do povo desta maneira: A miséria aprecia companhia.

« Desine; » Phoebus ait « poenae mora longa querela est. »
Dixit idem Phoebe celerique per aera lapsu
Contigerant tecti Cadmeida nubibus arcem.

pedestalizou os próprios filhos como de estirpe superior à vossa. Até mesmo teve a ousadia de insinuar – e a orfandade lhe recaísse logo pois! – que sou uma mãe órfã.” Latona não findaria suas queixas ali, se não fosse por Febo interrompendo a mãe, “*Basta! quanto maiores tuas queixas, tanto mais se lhe tardará punição!*” e Febe anuindo consigo. Ambos se encaminham, às pressas pelos ares então, para a cidadela de Tebas, encobertos pelas nuvens que pairavam sobre a abóbada palaciana.

A nossa leitura do mito ovidiano não é capaz de enxergar Níobe só como mais uma vítima dos caprichos divinos. A rainha do palácio cadmeu também foi algoz do seu próprio destino, quando o próprio texto nos revela ter ela desejado de que todos se esquecessem da modesta deusa Latona. A própria fala da divindade reflete o quão impotente se via diante das ofensas cometidas por Níobe, já que foi preciso a Latona recorrer a ambos os seus filhos. Ela não muito podia fazer para defender a sua honra, senão entregar-se aos queixumes, que os filhos dela ouvem, na condição de flecheiros infalíveis, para punir a reles mortal; que desconhecia a real medida humana assim como se sucedera com Tântalo, o seu pai precipitado para o Tártaro. Níobe atreveu-se a cometer tantas faltas atrás da outra, que lhe passaria por despercebido os ímpios dizeres que lhe confeririam um sofrimento pior do que a pena capital atraída para os seus familiares. Vejamos o quê o texto ovidiano tem a oferecer-nos:

Ov. Met.6. 199 – 202

Non tamen ad numerum redigar spoliare duorum,
Latonae turbam : quae quantum distat ab orba ?
Infectis properate sacris laurumque capillis
Ponite. » Deponunt et sacra infecta relinquunt
Quodque licet, tacito uenerantur murmure numen.

Tradução de nossa autoria

“Eu jamais seria reduzida àquele minúsculo quinhão de dois filhos – nada, senão a fatura de Latona. E a pergunta lhe permanece: O quanto lá dista da orfandade? Apressai-vos para desfazer o louro dos cabelos consagrados à deusa.” A cada qual só lhes é permitido da cabeça tirarem os adornos, afastarem-se dos sacros louros, e num sussurro murmurarem, inaudíveis, o nome.

Se os seus filhos foram condenados a tombarem pelas setas dos gêmeos latônidas e o seu esposo, por sua vez, preferiu tombar pelas próprias mãos, o destino de Níobe calharia de ser muito mais nefasto por sentenciarem-na à espectadora da tragédia provocada por suas próprias palavras desmedidas. Impotente, relutará, com todas as suas fibras, até aceitar de vez que jamais havia sido deusa alguma. A ironia da soberana custou-lhe a dádiva de ter sido

considerada a mais felizarda dentre todas as mães: “*felicissima*⁵⁵ *matrum*” (v. 155). Ao ultrajar a deusa da modéstia, dizendo que a fartura de Latona – “*Latonae turbam*” (v. 200) – só se resumia a contentar-se com minúsculo quinhão de dois filhos, Níobe viu a sua felicidade ser espoliada justamente naquilo que melhor a felicitava: a fertilidade, pois o seu útero concebera 14 filhos. ‘Felizarda’, neste sentido, calha de ser o modo como melhor encontramos de traduzir o superlativo latino ‘*felicissima*’, uma vez que Ovídio tenha significado múltiplos sentidos através deste único adjetivo: ‘feliz’ pela ‘sorte’ de ter tido um útero plenamente ‘fecundo’ de munir a sua maternidade com 7 filhos e 7 filhas, tal qual um solo rico de nutrientes também germinaria uma floresta inteira. Há, nas entrelinhas do poema, símile com os campos cultiváveis, visto que não são todos os solos os mesmos: desérticos, vulcânicos, pedregosos; os fecundos e os estéreis etc.

Ov. Met.6. 152 – 156

Multa dabant animos ; sed enim nec coniugis artes
Nec genus amborum magnique potentia regni
Sic placuere illi, quamuis ea cuncta placerent,
Vt sua progenies ; et felicissima matrum
Dicta foret Niobe, si non sibi uisa fuisset.

Tradução de nossa autoria

Muitas coisas lhe inflavam a vaidade; se bem
que nem os talentos do marido, nem a
ascendência de ambos nem a hegemonia do vasto
reino lhe bastavam. Tudo isso decerto lhe
agradava, mas não a satisfazia tal qual a sua
própria descendência. E a mais felizarda das
mães proclamariam Níobe! – não se enxergasse,
porventura, ela própria felicíssima...

Se nenhum dos prazeres de Níobe a satisfazia tanto quanto a exuberância dos seus filhos que concebera, decerto a dor de perdê-los, um após o outro, só poderia significar uma manifestação de luto muito mais emblemática que as outras mães enlutadas no decorrer das *Metamorfoses*: Clímene (*Met.2.* 319-366), Ceres (*Met.5.* 341-571), Hécuba (*Met.13.* 399-575); Agave (*Met.3.* 708-733), Procne (*Met.6.* 424-674) e Alteia (*Met.8.* 445-546). É realmente de se indagar acaso a tantálida esteja, até os dias de hoje, derramando lágrimas pela morte dos próprios filhos ou se por causa de ter sido a perpetuação do seu poder anulada. A indagação surge da provocação feita por Loraux (1990, p. 13), quando propôs de que as mulheres/ mães dos reis se relacionam menos com o ente querido do que a figura do rei aniquilado, já que era através desses homens que elas acessavam o poder sem o ônus de terem, necessariamente, de mergulhar a fundo nos meandros da política.

Além disso, será a mesma autora que nos relembrará (LORAUX, 1990, p. 20) serem as mães associadas na antiguidade clássica à ‘τροφή’ (alimento/sustento/criação); em contraste

⁵⁵ *Dicionário latino-português* (FARIAS, 2003, p. 392): **1. Fēlīx, -īcis**, adj. I – Sent. Próprio: 1) Que produz frutos, fecundo, fértil (**Ov. P. 2,10,51**); 2) Fecundante (**Verg. G. 2, 188**). II – Sent. Especial: 3) Favorecido dos deuses, feliz (**Plín. H. Nat. 34, 69**) [...]

com a figura paterna, encarada como o seu antônimo: ‘παιδεία’ (educação). A mãe prepara os corpos dos seus filhos ‘ἄνδρες’, através dos nutrientes provenientes do seu próprio corpo, para que estes venham a ser plenamente capazes de terem os espíritos forjados aos moldes do pai. Portanto, como nos esclarece Loraux (1990, p. 22-32), quanto mais democrática for a política da ‘πόλις’, menos espaço terão as mulheres na vida pública. A autora explana ainda (1990, p. 22-32), tomando por fonte os historiadores da antiguidade, uma certa predileção de quererem eles apressar-se quanto a correlação de tudo que compete ao feminino, pois tratam logo de fundamentarem suas conclusões com base nas leis funerárias, que calhavam de ser anti-aristocráticas já que visavam policiar o luxo e as despesas das mulheres. O excesso a que as mulheres se submetem nos funerais é de ser temido, uma vez que somos lembrados pela historiadora parisiense que segundo as palavras de Plutarco, o legislador Sólon pretendia reprimir a desordem e o abuso das mulheres, proibindo-lhes o martírio da pele; pois assim também faziam as carpideiras, que magoavam o próprio corpo à maneira de sujeitar-se-lhes o mal que a morte infligira no cadáver, para o qual dedicavam trenos em versos. Lágrimas tampouco poderiam ser proferidas para alguém que não tivesse morrido no mesmo dia (LORAUX, 1990, p. 22-32).

Ao nos depararmos com a leitura do mito, não vemos uma democracia governada por Níobe, mas um reino comandado por ela. É também sabido que ela está em pé-de-igualdade com o seu esposo, Anfião, no tocante à esfera do poder de sua πόλις. Logo, não poderia ter havido a figura do ginecômono, magistrado eleito pelo povo que refrearia o sentimento do luto. Autoridade esta que, mesmo encarregada de tratar do luto masculino e feminino, se voltará mais especialmente para o feminino. Sentimento este que será considerado pelos antigos, na interpretação de Loraux (1990, p. 16), como prototipicamente feminino – ao ponto de ser pleonástico, conforme a autora destaca, acaso disséssemos ‘luto das mulheres’ para alguém da antiguidade. Não que os homens não o sentissem, porém o luto nos homens deveria ser extirpado a todo custo, e o mais rápido possível, já que o cívico lhes imperava de que a vida precisaria continuar. O tempo não lhes permitia o luxo de suspendê-lo, porquanto decisões precisavam ser tomadas, a política ser feita e o poderio bélico mantido. Civilizar é construir uma pátria, que sirva de lar para os seus descendentes, e toda pátria pressupõe-se naturalmente sendo a terra que os pais dos nossos pais nos legaram. A etimologia não nos deixa mentir: *patria* X *pater*.

Mas não nos deixemos enganar pelas águas que do rochedo lugente emanam até hoje!
Uma vez que in verdade nenhuma seria se disséssemos que foi vítima e assassina
simultaneamente, conforme o poema de Ovídio comprova tal afirmação:

Ov. Met.6. 267 – 273

Fama mali populique dolor lacrimaeque suorum
Tam subitae matrem certam fecere ruinae
Mirantem potuisse irascentemque quod ausi
Hoc essent superi, quod tantum iuris haberent.
Nam pater Amphion ferro per pectus adacto finierat
moriens pariter cum luce dolorem.

Tradução de nossa autoria

O escândalo daquela desgraça, o pêsame público
e as lágrimas dos seus fizeram todos perceberem
aquela mãe como a responsável por tão repentina
ruína. Níobe não se envergonhava ainda de trazer
a sua iracúndia à tona, mediante o inconcebível
dos Altíssimos se atreverem à tamanha ousadia...
O intolerável de todos aceitarem aquilo por ser
naturalmente a própria Justiça. E assim foi que
Anfião, o pai dos sete finados, também deu por
encerrada a própria vida, fincando uma espada
no próprio peito, a qual erradicaria de si aquela
dor com o preço da própria existência.

Vítima, porque Apolo e Diana serão deliberadamente os algozes de Níobe; ora um
fazendo a rainha pagar com a vida de 7 filhos e seu esposo, ora outra fazendo o mesmo com a
vida de suas 7 filhas; uma vez que ambos não toleraram a vanglória superlativa da mortal, quem
se provava incapaz de compreender a real mortalidade dos seus nióbidas, por mais extensos que
fossem comparados aos latônidas. Assassina, porque foram as suas palavras assoberbadas
acerca da própria felicidade, consistindo na fecundidade de seu útero contrastado com o da
própria Latona (somemos isso à sorte que lhe coubera como rainha de ascendência inigualável;
enquanto a deusa mais semelhante uma campônia errante, já que banida por Juno tinha sido da
terra e do céu... até encontrar refúgio na também errante ilha de Delos, onde só então logrou de
partejar os gêmeos Febo e Febe.), que atraíram a perdição dos seus filhos para si. E logo abaixo
se segue nos versos do poema:

Ov. Met.6. 185 – 192

Nescio quoque audete satam Titanida Coeo
Latonam praeferre mihi, cui máxima quondam
Exiguam sedem pariturae terra negavit.
Nec caelo nec humo ne caquis dea uestra recepta est ;
Exsul erat mundo, donec miserata vagantem :
« Hospita tu terris erras, ego » dixit « in undis »
Instabilemque locum Delos dedit. Illa duorum
Facta parens ; uteri pars haec est septima nostri.

Tradução de nossa autoria

“Ousareis a mim preferir Latona, aquela tal
titânide de Céu, para quem a terra, repetidas
vezes, negara um abrigo sequer, onde
partejasse em segurança?! Nem no céu, nem
na terra tampouco nos mares foi vossa deusa
bem-recebida. Exilada esteve do mundo até
que Delos apiedou-se-lhe de tanto vagar: «
Forasteira, tu erras pelas terras; assim
também, pelas ondas, venho e vou. ». Um
refúgio errático deu-lhe Delos. Assim dizem
que se fez mãe de dois filhos – a sétima parte
deste meu útero.”

‘O paradigma do rouxinol’ (LORAU. 1990, 47) simboliza uma mãe que canta o duplo
luto de ter chacinado o filho que amava e de chorar simultaneamente essa perda pelo ato que
cometeu. ‘O paradigma do rouxinol’ é, em si mesmo, uma notória alusão à figura mítica de

Procne e Filomela⁵⁶, cujo destino metamorfoseia ambas no rouxinol e na andorinha; pois é sabido que ambas as aves possuem um melodioso gorjeio lúgubre, semelhando um quê lutuoso, quase como se culpadas realmente fossem por terem cometido falta grave e irreparável à poupa, que constantemente está no encalço delas, e as preda. Rouxinol, o símbolo do desespero feminino: das viúvas, das orfanadas ou qualquer que seja a sua sorte; porque a leitura de *Les mères en deuil* (LORAU, 1990) faz com que compreendamos que o luto de toda mulher é uma experiência, ao mesmo tempo, coletiva e abstrata o bastante para ser: maternal, histérico, suspenso no tempo e assassino. Procne sabemos ser vítima da barbaridade que o seu marido cometeu ao primeiro violar a honra da irmã Filomela, cortar em seguida a língua dela, e por último jogá-la fora para que ninguém soubesse o mal que praticara; posteriormente quando descobre, da própria irmã emudecida, quem foi o criminoso que a vitimara daquela maneira tão cruel. Eis que ambas se aliam, e cúmplices de filicídio tornam-se, ao assassinares⁵⁷ juntas Ítis, príncipe da Trácia, e fruto do matrimônio entre Procne e Tereu. Em paralelo, é possível salientarmos haver o seguinte elo entre Procne e Níobe: duas mães filicidas. A primeira perpetrará crime doloso, a segunda praticará crime culposo.⁵⁸ Ovídio fará questão de ressaltar o fato de que Níobe, em tom desafiador, reincide no desaforo, mesmo só lhe restado a metade da progenitura:

Ov. Met.6. 282 – 285

[...] « per funera septem
Efferor; exsulta uictrixque inimica triumphat.
Cur autem uictrix? miserae mihi plura supersunt
Quam tibi felici; post tot quoque funera uinco. »

Tradução de nossa autoria

[...] “A sete palmos, sete vezes sou levada com os meus! Exulta e triunfa, vitoriosa inimiga... Vitoriosa, mas pelo quê mesmo!? Se na minha miséria sou mais felizada do que tu nessa mísera felicidade.” e aos risos “Depois de tantos filhos enterrados, quem ainda sai vencendo sou eu!”

As águas do rochedo lugente mais nos revelam o quanto Níobe mais chora pelo malogro quanto à perpetuação sempiterna do seu renome do que propriamente por legítimo amor a seus

⁵⁶ Ao buscarmos ‘Filomela’ no *Dicionário da mitologia grega e romana* de Pierre Grimal (2011, p. 173), seremos informados de que os poetas romanos costumavam inverter o papel das duas irmãs atenienses. Uma vez que se adequava mais à etimologia do nome *Filomela*, “que evoca a ideia de música”.

⁵⁷ Grimal (2011, p. 173), dirá que Ítis foi pela própria mãe assada, e servido de banquete a Tereu, sem que este suspeitasse um só momento disso. A verdade é-lhe descoberta já depois que as duas irmãs não se encontravam no seu reino. O rei da Trácia sai à procura das criminosas. Na Fócida as acha, empunhando um machado; e quando prestes a concluir a sua vingança, todos são metamorfoseados nos seguintes pássaros: rouxinol (Procne), andorinha (Filomela) e poupa (Tereu). A única coisa que aos deuses competia para escutar as súplicas daquelas duas.

⁵⁸ Crime doloso é aquele no qual o agente voluntariamente vitimou alguém; enquanto crime culposo acontece quando o agente vitimou alguém sem intenção alguma de causar-lhe lesa. Para mais informações:

<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/crime-doloso-x-crime-culposo> **Doloso x Crime Culposo — Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios** (tjdft.jus.br) (último acesso em 24 de novembro de 2022 às 14:24 horas).

filhos. O orgulho impede a heroína de tamanha virtude para todos aqueles que saíram do seu ventre. O nome de cada filho sobrevive, um a um, aos éons; o nome de cada filha afogou-se no oblívio – pelo menos é o quê o poema de Ovídio nos sugere, conferindo quase nenhum detalhe às mortes das Nióbidas, se comparadas com a riqueza de detalhes tida na versão dos irmãos, anteriormente a elas, massacrados: Ismeno, Sípilo, Fédimo, Tântalo, Alfenor, Damascítono e Ilioneu.⁵⁹

Ov. Met.6. 224 – 266

E quibus **Ismenus**, qui matri sarcina quondam
Prima suae fuerat, dum certum flectit in orbem
Quadripedis cursus supantiaque ora coerceset ;
« Ei mihi ! » conclamat medioque in pectore fixa
Tela gerit frenisque manu moriente remissis
In latus a dextro pulatim defluit armo.
Proximus, audito sonitu, per inane pharetrae,
Frena dabat **Sipylus**, ueluti cum praescius imbris
Nube fugit uisa pendentiaque undique rector
Carbasa deducit, ne qua leuis effluat aura.
Frena tamen dantem non euitabile telum
Consequitur summaque tremens ceruice sagitta
Haesit et exstabat nudum de gutture ferrum.
Ille, ut erat pronus, per crura admissa iubasque
Voluitur et calido tellurem sanguine foedat.
Phaedimus infelix⁶⁰ et auiti nominis heres
Tantalus, ut solito finem imposuere labori,
Transierant ad opus nitidae iuuenale palaestrae ;
Et iam contulerant arto luctantia nexu
Pectora pectoribus; contento concita neruo,
Sicut erant iuncti, traieci utrumque sagitta.
Ingemuere simul, simul incuruata dolore
Membra solo posuere ; simul suprema iacentes
Lumina uersarunt, animam simul exhalarunt.
Aspicit **Alphenor** laniataque pectora plangens
Euolat, ut gelidos complexibus alleuet artus,
Inque pio cadit officio ; nam Delius illi
Intima fatifero rupit praecordia ferro ;
Quod simul eductum, pars et pulmonis in hamis
Eruta cumque anima cruor est effusus in auras.
At non intonsum simples **Damasichthona** uulnus
Afficit ; ictus erat qua crus esse incipit et qua
Mollia neruosus facit internodia poples.
Dumque manu temptat trahere exitiabile telum,
Altera per iugulum pennis tenus acta sagitta est.
Expulit hanc sanguis seque ei aculatus in altum
Emicat et longe terebrata prosilit aura.
Ultimus **Ilioneus** non profectura precando
Bracchia sustulerat : «Di» que «o communiter
omnes,»

Tradução de nossa autoria

Um deles é Ismênio, outrora o primeiro encargo materno, quem voltas dava em círculos com sua quadriga, agora refreia tantas bocas espumantes por todo o percurso; “*Ai de mim!*” exclamou, por várias setas transfixado no peito, já soltando à beira da morte os freios das mãos; até que enfim tombou pelo flanco direito. O filho seguinte, atento ao som do tremor a céu aberto, é Sípilo; quem os freios já até soltara, quando fugiu das nuvens, quais se alastravam por toda a parte; justo como o timoneiro recolheria todas as velas pendentes para nenhuma brisa perder à toa, assim que avistasse o dilúvio a milhas náuticas. Mal os soltara, e um disparo inevitável acertou-lhe a cervical. Nenhum adorno havia no ferro trepidante que atravessou a sua garganta, nada faria aquilo desalojar dali. O sujeito, do jeito como se curvava pela crina, só se viu a capotar em meio àquelas patas de sua cavalgadura. O desventurado Fédimo e o herdeiro do nome avito, Tântalo, encarregaram-se de dar por encerrada a labuta costumeira, já rumavam para a juvenil recreação esportiva de disputa azeitada; e logo quando mediam forças um contra o outro, estreitados os peitos num só enlace, foi que uma única flecha abriu-lhes caminho, tão retesada no arco, pela proximidade que partilhavam. A um só tempo gemeram, a uma só dor tombaram dois corpos no chão. A um só derradeiro instante jazeram olhando para o alto, a um só outro exalaram o último suspiro. E assistia a tudo aquilo Alfenor, lugente e entregue aos golpes no peito dilacerado, quando logo se apressou para perto dos irmãos, erguendo-os enquanto envolvia ambos os cadáveres deles, só para então lhe acontecer o inacreditável: cairia em meio à pia observância. Uma vez que o Delfínio planejava eviscerar o quinto dos nióbidas com o ferro fatífero. O quê de uma só vez logrou; mas não sem antes lhe arrancar fora, no aguilhão de sua flecha, uma lasca dos pulmões, toda

⁵⁹ Os respectivos nomes dos nióbidas aparecem destacados no texto latino com grifos nossos.

⁶⁰ Quanto ao adjetivo ‘*Infelix*’ qualificando Fédimo, é de hesitarmos em traduzí-lo; uma vez que não sabemos se Ovídio quis dizer que este nióbida seria infeliz pela desgraça que lhe baixaria logo mais, ou que sua infelicidade consistia por não ter tido filhos ainda. Outra possibilidade que aventamos é a de indagarmos o seguinte: Seria o nióbida Fédimo estéril?

Dixerat ignarus non omnes esse rogandos, Parcite. »
 Motus erat, cum iam ruocabile telum
 Non fuit, arquitenens ; minimo tamen occidit ille
 Vulnere, non alte percusso corde sagitta.

ensanguentada justo no derradeiro e excruciante suspiro ao vento. Já por outro lado, uma só chaga não abateu o veloso Damasícton; que foi acertado justo onde a perna assume desenvoltura e o musculoso jarrete expõe quão tenros serem os tendões. E naquele ínterim, enquanto sua mão tateava o dardo carnífice na vã tentativa de extraí-lo, um segundo foi-lhe encaminhado, até cravar-lhe o plumoso ornamento, direto na garganta. O sangue jorrou, em seguida, ao alto; e um suspiro efluente sai-lhe daquele rombo para longe. Agora todos os nióbidas só se resumiam a Ilioneu, o qual mal se detivera imóvel, já erguendo os braços suplicantes, “*Socorro, socorro a este, àquele e ao panteão inteiro!*”; mas o disparo não podia mais ser desfeito pelo flecheiro, ainda a segurar o próprio arco. E morreu, apesar dos pesares, minimamente ferido por uma flecha perfurando-lhe o coração bem de leve.

O poeta de Sumona opta por referir-se às filhas de Níobe jamais por seus respectivos nomes; mas a cada vez através de sinonímias: *sorores* (subst.), *e quibus una trahens* (pron. partitivo + artigo + particípio presente), *altera* (pron. demonstrativo), *haec* (pron. dem.), *illa* (pronome dem.), *sexque datis* (numeral + particípio passado), *ultima* (adjetivo), *unam minimamque* (adj. + subst.), *de multis minimam unam, pro qua rogat, natasque* (pron. indefinido + subst. + pron. relativo + particípio passado). Assim, aquela interpretação de Loraux (1994, p. 13) acerca da relação entre o poder e as mulheres, a qual reiteramos, faz-se possível diante dessa omissão dos nomes das nióbidas⁶¹, por parte de Ovídio. Existe uma relação estreita entre esposas/mães e maridos/filhos. Destarte, quando ambas os perdem, menos sofrem por entes queridos que se vão do que pela possibilidade não mais palpável do poder. Outrora, livremente usufruído à sombra masculina; agora, com a morte do rei, aniquilado tal qual o seu nome é anulado. Portanto, se o morticínio dos vários príncipes e o suicídio do rei já destituíram a rainha Níobe de prestígio social e poder; os versos ovidianos revelar-nos-á o quão genérico e breve bastará falar a respeito de como as Nióbidas pereceram, uma vez que nada mais julgava Níobe ser capaz de perder para os deuses diante daquelas perdas tão significativas:

Ov. Met.6. 288 – 292

[...] Stabant cum uestibus atris
 Ante toros fratrum demisso crine sorores.
 E quibus una trahens haerentia uiscere tela
 Imposito fratri moribunda relanguit ore;
 Altera, solari miseram conata parentem,
 Conticuit subito duplicataque uulnere tota est
 [Oraque compressit, nisi postquam spiritus ibat.]
 Haec frustra fugiens collabitur, illa sorori
 Immoritur; latet haec, illam trepidare uideres.
 Sexque datis leto diuersaque uulnera passis,
 Vltima restabat; quam toto corpore mater
 Tota ueste tegens: «Vnam minimamque relinque;

Tradução de nossa autoria

[...] Ali frente aos irmãos, desgrenhadas e trajadas de pretos, permanecendo de pé consigo. A primeira delas extraía os dardos entranhados na carne do irmão, quando foi as forças perdendo na fala até morreu. A segunda de súbito emudeceu, na vã tentativa de consolar a triste mãe, quem – só de testemunhar a filha comprimindo os lábios, para não muito depois o espírito se lhe evolou – outra vez mais foi ferida em cheio. A próxima fugindo à toa tomba; a outra com a irmã sucumbe. Esta buscou abrigo; aquela vissem acolá trepidar. Ao todo, após abatidas por diversas feridas, seis filhas então foram entregues à morte; quando uma última

⁶¹ Ao procurarmos pelas nióbidas no *Dicionário da mitologia grega e romana* (GRIMAL, 2011, p. 331) , até seremos capazes de encontrar o nome delas: Étozea (ou Neera), Cleodoxa, Astíoque, Ptia, Pelópia, Asticracia e Ogígia. A entrada de ‘Níobe’ assim nos revela.

De multis minimam posco» clamavit «et unam. »
Dumque rogat, pro qua rogat, occidit. Orba resdit
Examines inter natos natasque uirumque [...]

restava. A mãe agarrava-se-lhe às vestes, com todo o seu corpo: “*Uma única me poupa; poupa-me de muitos, a caçula!!!*” a plenos pulmões implorava, “*E esta tão somente...*” e enquanto roga; aquela por quem rogava, simplesmente se foi. Órfã, deixa-se afundar entre os seus mortos: filhos, filhas e esposo.

É necessário vivenciar o luto porque saudável se prova ser esse tempo de refazimento íntimo. De igual modo, lutar contra o luto faz-se imperativo para o espírito, no entanto, porque a vida deve prosseguir; e não permanecer estagnada num não-lugar. Do contrário, ela queda-se suspensa no tempo, e passa a retroalimentar-se de si mesma – ignorando a manutenção da sociedade antiga, especialmente se tratando da maternidade, que para o imperador Augusto detinha da máxima importância dentre todos os papéis sociais, nas palavras de Cristina Santos Pinheiro (2008, p. 159) – até transformar-se em melancolia. E sobre ambas as disposições de espírito, Freud debruçou-se, nas páginas de *Luto e melancolia*⁶², esclarecendo-nos que “o luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.”⁶³ (2014, p. 47). Um processo natural de nenhum modo vinculado àquilo de sorte patológica. Uma resposta orgânica de nossa *psiqué* àquilo que tanto a perturba no quesito d’ausência. Uma razão mais do que suficiente para desviar o sujeito de sua normalidade; mas uma qual, custe o tempo que for, naturalmente se cura sozinha. O quê, notoriamente, não se passa com Níobe, assim que nos deparamos com o v. 273: “*Heu! quantum haec Niobe Niobe distabat ab illa*”. Trecho, o qual nos esforçamos da melhor maneira possível para adaptar à língua portuguesa: “Ai dela! O quanto esta, daqueloutra Níobe distava”; posto que sua isomorfia comprova o quanto os leitores se veem diante de duas personagens inteiramente distintas, apesar de serem ambas a mesma mulher ainda. O espelho de Ovídio projeta-nos, inicialmente, uma interjeição de sofrimento ‘*Heu!*’, seguida por um advérbio de intensidade ‘*quantum*’. A dor dessa mãe prova-se tão profunda, que já a desloca do seu norte: outrora, tão orgulhosa pelos 14 filhos, a essa altura muito abatida por terem-na abatido todos os 7 varões. Abalada, enlutada e enfurecida; mas nem por isso abandonou o seu pedestal por 7 filhas (ainda) lhe restarem. A perturbação de Níobe reflete-se na frase fora de sua ordem canônica latina: sujeito + objeto + verbo. Ao invés disso, apesar do núcleo do objeto, talvez, vir antes do verbo; os seus complementos seguem bem distanciados: um substantivo próprio

⁶² Aqui recomendamos a leitura da tradução de Marilene Carone, publicada pela Cosac Naify.

⁶³ No original, lê-se o seguinte: “*Trauer ist regelmäßig die Reaktion auf den Verlust einer geliebten Person oder einer an ihre Stelle gerückten Abstraktion wie Vaterland, Freiheit, ein Ideal usw.*” (FREUD, 1946, p. 428 – 429)

‘Niobe’ e um verbo ‘distabat’ há separando ‘ab illa’. Qual dos dois ‘Níobes’ é o nominativo vinculado ao pronome demonstrativo ‘haec’ e o ablativo regido pelo próprio verbo de objeto preposicionado? Fica a critério do leitor discernir qual ‘Niobe’ está ligada a qual pronome. Isso porque a quantidade da vogal se mantém a mesma para ambos os casos, já que a declinação segue o padrão da língua grega: a vogal ‘e’ prolonga-se tanto no nominativo, quanto no ablativo – e como se é sabido não haver ablativo no grego, o nominativo vemos emprestar a sua grafia e pronúncia para originar este caso pertencente à língua latina. Assim, da mesma forma que semanticamente entendemos que o verbo ‘dista’ uma Níobe da outra, morfossintaticamente presenciamos o mesmo ‘distanciar’ o núcleo do objeto do restante do objeto verbal, assim como uma ponte do passado até doravante. E ainda assim, apesar de não se sentir mais a mesma, há a quantidade da vogal ‘e’ que comprova serem ainda a mesma pessoa de personalidades distintas. Ademais, não nos esqueçamos de que o latim, por ser uma língua muito econômica através da sua sintaxe dos casos, não faria habitualmente a necessidade de escrever duas vezes o nome da rainha; mas se Ovídio o escreveu duas vezes supomos ter sido para dar essa ênfase a que nos prestamos a ressaltar.

De qualquer modo, depois da carnificina, que acompanhou bem diante dos seus olhos. Aquela rainha cheia de si, que o leitor conheceu no início do mito, não se tratava mais do que uma pobre criatura, com a qual até mesmo o pior dos seus inimigos já se compadeceria pelo peso da tragédia que baixara sobre os seus para atingir o âmago da sua existência: “Invisa pelos seus, e doravante de comiseração digna até pelo imigo!” – *Inuidosa suis, at nunc miseranda uel hosti!* (*Met.* 6. 276). Nem o próprio esposo se poupou diante de tamanho horror, preferindo o suicídio àquela funesta existência junto à Níobe. Restava só os cadáveres e ela; aqueles da cabeça aos pés dilacerados, esta já com as entranhas. Percebe-se, então, uma nova disposição nos humores da protagonista. De enlutada à melancólica, há diferenças, ainda maiores se considerarmos que a rainha, em nenhum momento, perde o seu tom solene: manchando suas vestes, rasgando-as, magoando o próprio corpo ou espelhando o frenesi das carpideiras. Ao invés disso tudo, nem dá uma só palavra a mais até o final do poema ovidiano, e já vai assumindo novas formas que reflitam o seu estado de espírito: soterrado vivo. Ao passo que, já no épico homérico, nem de comer se esquece ela, pelo que nos relata a exortação de Aquiles a Príamo, recém-chegado o rei de Troia à sua tenda para reaver os restos mortais de seu filho Heitor.

Homero, no canto XXIV, durante os versos 601 a 619, da *Ilíada*, é o primeiro poeta de quem se há notícias a registrar uma ligeira, mas nem por isso irrelevante menção à figura de

Níobe. A passagem ocorre aquando Príamo comparece à tenda de Aquiles para reaver o corpo do seu filho Heitor, baluarte de Tróia, tombado em campo-de-batalha. O pelida ali se encontra sofrendo horrores pela perda do melhor amigo. Pátroclo por Heitor é morto, e por Aquiles vingado, quando este aniquila Heitor. Isso fada aquela cidade a um funesto fim, cada vez mais iminente, mas ainda assim toda a guerra é posta de lado naquela noite. Príamo é o pai que não mais tolera ver o cadáver do filho, todos os dias, ultrajado por quem ali se encontra à sua frente. Aquiles é quem, fazendo-se valer da figura de Níobe para adornar a sua retórica exortativa, então torna a seu pleno juízo, e convida o rei de Tróia a partilharem da mesma ceia. Valhamonos, pois então, de suas palavras:

νῦν δὲ μνησώμεθα δόρπου.
καὶ γάρ τ' ἠϋκόμος Νιόβη ἐμνήσατο σίτου,
τῆ περ δώδεκα παῖδες ἐνὶ μεγάροισιν ὄλοντο
ἕξ μὲν θυγατέρες, ἕξ δ' υἱέες ἠβώοντες.
605 τοὺς μὲν Ἀπόλλων πέφνεν ἀπ' ἀργυρέοιο βιοῖο
χωόμενος Νιόβη, τὰς δ' Ἄρτεμις ἰοχέαιρα,
οὔνεκ' ἄρα Λητοῖ ἰσάσκετο καλλιπαρήφ:
φῆ δοιῶ τεκέειν, ἦ δ' αὐτὴ γείνατο πολλούς:
τὼ δ' ἄρα καὶ δοιῶ περ ἐόντ' ἀπὸ πάντας ὄλεσσαν.
610 οἱ μὲν ἄρ' ἐνήμαρ κέατ' ἐν φόνῳ, οὐδέ τις ἦεν
κατθάψαι, λαοὺς δὲ λίθους ποίησε Κρονίων:
τοὺς δ' ἄρα τῆ δεκάτῃ θάψαν θεοὶ Οὐρανίωνες.
ἦ δ' ἄρα σίτου μνήσατ', ἐπεὶ κάμε δάκρυ χέουσα.
νῦν δέ που ἐν πέτρῃσιν ἐν οὔρεσιν οἰοπόλοισιν
615 ἐν Σιπύλῳ, ὅθι φασὶ θεάων ἔμμεναι εὐνάς
νυμφάων, αἳ τ' ἀμφ' Ἀχελώϊον ἐρρώσαντο,
ἔνθα λίθος περ εἴουσα θεῶν ἐκ κήδεα πέσσει.
ἀλλ' ἄγε δὴ καὶ νῶϊ μεδῶμεθα διε γεραιῆ
σίτου: ἐπειτὰ κεν αὐτε φίλον παῖδα κλαίοισθα
(Hom. *Il*, XXIV, 601-619)⁶⁴

Pois de comer se lembrou até mesmo a de belos cabelos,
Níobe, quando perdeu no palácio seus doze rebentos,
seis filhas belas e moças, seis filhos no viço da idade.
A estes Apolo frecheiro matou com seus dardos, pois contra
Níobe estava agastado; as donzelas por Ártemis foram
mortas, que a Leto de tranças venustas a mãe se gabara
de tantos filhos ter tido, enquanto a outra só dois concebera,
os mesmos dois que, com serem tão poucos, aos doze mataram.
Por nove dias ficaram os mortos banhados em sangue,
Sem sepultura, que em pedra Zeus Crônida o povo mudara.
O próprios deuses urânios ao décimo dia os enterram.
Níobe, lassa de choro, afinal, de comer, foi lembrada.
Ora em penedo mudada se encontra, nos picos do Sípilo
de desolada aparência, onde as ninfas divinas descansam
pós as coreias graciosas em torno do belo Aqueloo;
(Tradução de Carlos Alberto Nunes)⁶⁵

⁶⁴ Disponível em:

<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Hom.+Il.+24.601&fromdoc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0133>>.
Último acesso: 24/11/2022

⁶⁵ Nova Fronteira, 2015, p. 507 – 508.

Curioso é notarmos que Homero retrata Níobe⁶⁶ como uma mãe de doze filhos, só no décimo dia sepultados por clemência divina, e a qual ainda se lembra até mesmo no próprio luto de comer; enquanto Ovídio faz dela uma mãe de quatorze filhos, que imediatamente após testemunhar a caçula morta em seus braços, transmuta-se, pelo próprio sofrimento, em pedra; já que os males são as primeiras partes dela a enrijecerem-se. Outras sucedem à medida que o sofrimento vai-se tornando avassalador. Uma avalanche que, acertando-a em cheio, a soterra viva, petrifica e a transforma no topônimo turco, aberto à visitação nos dias de hoje. Sobre a melancolia de Níobe, o domínio onde toda a noção de tempo se esvai. O significado do mundo perde-se-lhe de vez. E logo abaixo escavamos mais relíquias do poema ovidiano:

Ov. Met.6. 303 – 313

Deriguitque malis; nulos mouet aura capillos,
 In uultu color est sine sanguine, lumina maestis
 Stant inmota genis, nihil est in imagine uiuum.
 Ipsa quoque interius cum duro lingua palato
 Congelat et uenae desistunt posse moueri ;
 Nec flecti ceruix nec brachia reddere motus
 Nec pes ire potest ; intra quoque uiscera saxum est.
 Flet tamen et ualidi circumdata turbine uenti
 In patriam rapta est ; ibi fixa cacumine montis
 Liquitur et lacrimis etiam nunc marmora manant.

Tradução de nossa autoria

Assim, portanto, foi como lhe enrijeceram os males. O jeito como todos os fios de cabelo seu já não move brisa alguma. A maneira como se lhe descorou o semblante sem sangue. De tão pesaroso o olhar, lá remanesce estatelado; já que mais nada era vivo naquela aparência. Nela própria se lhe endurece a língua no duro palato. Nela própria se lhe recusam as veias de manter o fluxo sanguíneo. Nem o pescoço mais pode dobrar-se, nem àqueles braços são devolvidos os movimentos nem os pés transitar podem mais. A pessoa inteira dela petrificou-se até suas vísceras. O choro não cessara ainda; e enquanto por bravas ventanias espiraladas era circundada, também foi pelos céus acima arrastada de volta para a sua pátria. Lá onde a quedariam no píncaro do monte. Ela não deixou de se liquefazer desde então, e tais lágrimas até hoje se vê emanarem do próprio rochedo.

De que então serviu àquela rainha tanto vangloriar-se da sua ascendência? por mais fosse em verdade invejável, isso não a tornava superior à condição de humana. No máximo semidivina, graças aos laços partilhados com: Atlas⁶⁷, Júpiter⁶⁸, Tântalo⁶⁹, uma das plêiades como sua mãe, o seu marido e o próprio Pélops⁷⁰ como seu irmão; o quê legitimamente distinguia a linhagem sanguínea de Níobe. Aliás, é digno de questionarmos a razão por que Ovídio preferiu uma minúscula menção fazer ao irmão de Níobe. O poeta absteve-se de explorar mais a saga do herói que legara o epônimo da península, mais ao sul da Grécia, tida por Peloponeso; e ao invés disso, somente isto deixou à posteridade:

⁶⁶ “Grimal, (2011, p. 331). “Na versão mais recente, Níobe cheia de dor, fugiu para junto de seu pai Tântalo, em Sípilo (ou para o monte Sípilo, na Ásia Menor), onde os deuses a transformaram em rocha. Mas os seus olhos continuaram a chorar e mostrava-se a rocha que outrora fora Níobe, e donde brotava uma nascente.”

⁶⁷ Aquele quem o mundo segurava nas costas por ter desafiado os olímpicos durante a Gigantomáquia.

⁶⁸ Aquele quem senhor dos deuses e dos homens era, também onde as nuvens todas cumulavam.

⁶⁹ Aquele que, dentre os mortais, tudo poderia ter tido, se tudo não quisesse ter tido, segundo a tradição prevalente, afrontando os deuses com o seu filho esquartejado e à mesa servido para convidados tão ilustres em troca de benefícios, que se vangloriava para o restante da humanidade.

⁷⁰ Farias (2003, p. 716)

Ov. Met. 6. 401 – 405

Talibus exemplo redit ad praesentia dictis
Vulgus et extinctum cum stirpe Amphiona luget;
Mater⁷¹ in inuidia est; **hanc**⁷² tunc quoque dicitur unus
Flesse Pelops umeroque, suas a pectore postquam
Deduxit uestis, ebur ostendisse sinistro.

Tradução de nossa autoria

O vulgo retoma a atenção às circunstâncias recentes, após tamanhos acontecimentos relatados; e lágrimas verte por Anfião, quem tombara junto à sua descendência. A mãe é motivo de repúdio coletivo. Desde então, o único quem chorou por aquela mulher dizem ter sido Pélops. As vestes do peito, baixou para ostentar o marfim do ombro esquerdo.

Grimal (2011, p. 331) esclarece-nos que o pai de Níobe esquartejou o irmão dela, acreditando que obteria favores dos deuses se oferecesse a carne do próprio filho; razão pela qual foi Tântalo precipitado para o Tártaro, e seu filho Pélops ressuscitado após os seus membros serem reagregados. Agraciado com beleza ainda maior do que antes, foi-lhe permitido o convívio com os próprios deuses no sumo Olimpo; e por lá viveu até que preferiu regressar ao mundo dos mortais depois de certo tempo. É quando a sua jornada de herói propriamente se inicia, e de seu governo surgirá um vasto império por todo sul-peninsular grego: o Peloponeso. Um de seus descendentes, inclusive, será Agamémnon, tido por pelópida segundo alguns mitógrafos⁷³. O reinado sobre toda a humanidade realmente lhe competiria, se não fosse o mínimo detalhe de que nenhuma deusa era ela, como tanto se arrogava no direito de ser; quanto obrigava os outros a piamente crerem em tamanho ato sacrílego. O quê atraiu para si a cólera dos gêmeos latônidas, após tomarem as dores da mãe, descrita como alguém modesta por Platão (*Crat.* 406a); e semelhante a uma mísera campônia, por terras estrangeiras errante, após o exílio a que foi submetida por Juno das moradas celestes.

Ov. Met.6. 170 – 184

« Quis furor auditos » inquit « praeponere uisis
Caelestes? aut cur colitur Latona per aras,
Numen adhuc sine ture meum est? Mihi Tantalus auctor,
Cui licuit soli superiorum tangere mensas ;
Pleiadum soror est genetrix mea ; maximus Atlas
Est auus, aetherium qui fert ceruicibus axem ;
Iuppiter alter auus ; socero quoque gloriior illo.
Me gentes metuunt Phrygiae, me regia Cadmi
Sub domina» est fidibusque mei commissa mariti
Moenia cum populis a meque viroque reguntur,
In quamcumque domus aduertit lumina partem

Tradução de nossa autoria

“*Que furor é esse de preterirdes os deuses dos quais tanto ouvistes falar àqueles que já vistes bem à vossa frente? Por que ainda consagrais Latona, e o meu nume não foi cultuado até então? A sorte me coube Tântalo por pai, o único para quem os deuses concederam a honra de partilhar da mesma ceia. E por mãe, uma das Plêiades. O gigante Atlas, quem o peso do mundo suporta nos ombros, é um dos meus avôs. E o sumo Júpiter, como se*

⁷¹ (Grifos nossos) Interprete-se a palavra ‘*mater*’ por retomar Níobe, a irmã de Pélops.

⁷² (Grifos nossos) Dá-se a entender que o pronome dêitico ‘*hanc*’ é utilizado para exprimir o quão detestada se tornara Níobe aos olhos do seu próprio povo. A tal ponto que o seu nome nem mais será mencionado por se ter convertido em símbolo de desgraça para aquele lugar. O inominável aqui, novamente, faz alusão à máxima das mães orfanadas.

⁷³ A atenção chamamos para Grimal (2011), pois as seguintes entradas acharemos: Agamémnon (p. 11-14) Crisipo (p.104), Hipodâmia (p.231-232), Pélops (p.363-364) e Tântalo (427-428).

Inmensae spectantur opes ; accedit eodem
Digna dea facies ; huc natus adice Septem
Et totidem iuvenes et mox generosque nurusque.
Quarite nunc, habeat quam nostra superbia causam ;

já não me bastasse por ser o meu outro avô, faz de mim ainda mais gloriosa por ser também o meu sogro. Os povos da Frígia temem a minha pessoa. O palácio de Cadmo está sob meu domínio. Todos os que habitam entre estas muralhas, erguidas ao som da lira do meu marido, são governados por mim e por ele. Para onde quer que eu dirija os meus olhos nesta corte, inesgotáveis riquezas devolverão o olhar para mim. A tamanhos fatos incluíamos ser a minha formosura digna de uma deusa. E não nos esqueçamos do mais importante: sete filhas, sete filhos e dentro em pouco o mesmo número de noras e genros do lado de cá. Informadas agora estais sobre a razão da nossa soberba!?

A sua identidade é comprometida, pois mais nada nela remete a quem outrora tanto se orgulhara de ser: “*Sum felix; quis enim neget hoc? felixque manebo;*”⁷⁴ e se alheia de todo o resto. Aquela quem se vangloriava ainda há pouco por saber ser feliz, e assim sabendo que permaneceria, desafiava os outros a negá-la; nada mais faz, senão chorar a dor que deveras sente. Um esquecimento de que houvesse nela própria uma autoestima para se manter. A língua endurece no interior do duro palato, emudece e se cala de vez por todo o sempre: “*Ipsa quoque interius cum duro lingua palato congelat*”⁷⁵, e isso nos faz repensar Freud, quando distingue o melancólico como alguém incapaz de reconhecer o quê perdeu. Ora pois, não é notório!? o quê Níobe perdeu foram os seus filhos. E ela o sabe muito bem, mas resta a dúvida se ela saiba o quê a perda dos nióbidas arrancou dela. Daí, o pranto e o emudecimento. Se deusa desde sempre não só julgara a si mesma, como quisera fazer com que todos assim a reverenciassem; inumana foi o quê ela teve o terror de descobrir acerca de si mesma pouco antes da caçula também partir. Atitude a qual vai ao encontro do vocábulo alemão: *selbst*. Tal conceito freudiano é melhor explicado pelas notas de Marilene Carone (2011, p. 46) como algo que “reflete a importância desse movimento de retorno à própria pessoa [...] como o tempo da transformação da voz ativa, « não numa voz passiva, mas numa voz reflexiva média. »”. Assim ela, tanto sendo a tradutora e comentarista de *Luto e melancolia*, acrescenta que em muitas palavras, apesar de ser mais conveniente traduzir o prefixo alemão *selbst* através do prefixo português ‘auto’, o melhor seria mesmo traduzí-lo pela nossa partícula apassivadora ‘se’: torturar-se, punir-se etc.

⁷⁴ *Met.6.* 193

⁷⁵ *Met.6.* 306

Uma vez consciente de sua natureza humana, Níobe entrega-se de vez a seu luto soterrador. Dá-se conta de que jamais será deusa diante daquela tragédia inteira. Lágrimas de uma mãe que menos chora por seus filhos do que por toda a possibilidade de poder aniquilada. Lágrimas de uma mãe que finalmente entende o quão inumana, todos esses anos, tinha sido. Pedra é o quê melhor cabe transformar-se, já que um coração empedernido foi o quê sempre pulsara nas suas veias. Consequentemente, quando pensamos nos exemplos de Carone (2011, p. 46): autorrecriação, autoinsulto, autocrítica, autodepreciação, autoavaliação, autoacusação, autotortura, autopunição e autoassassinato, estranharíamos se nas entrelinhas do poema não encontrássemos um desses sintomas em Níobe. A linguagem é babélica; pois eclipsa a essência das coisas. A vanglória inicial de Níobe, perante a profetisa Manto e as ismênides, só distrai o nosso olhar da mortalidade, com a qual a rainha e os seus descendentes foram dotados, supondo-se maior do que a imortalidade, só por causa da riqueza supérflua. Ridicularizava a deusa por mais semelhar uma campônia, uma orfanada de filhos e lhe faltar a glória que o destino poderia certamente lhe ter assegurado, se ela própria já não se julgasse a mais privilegiada das mulheres, e até mais do que a deusa Latona. Note-se, porém, que isso só ocorre quando nenhuma tragédia, de fato, acreditava que lhe recairia. Todavia, foi a tragédia baixar-lhe para constatar que o apetite de Níobe, na direção reversa de simplesmente diminuir, cessou por inteiro; agora que sua fisiologia converteu-se em pedra. A mãe orfanada dos seus filhos nada mais tinha de humano. A rainha do palácio de Cadmo deixará de autorrecriar-se, autoinsultar-se, autocriticar-se, autodepreciar-se, autoacusar-se, autotorturar-se, autopunir-se no instante quando, por inteiro, estiver autoassassinada. Um cadáver ser não mais lhe compete por ter sido deveras inumana em vida, mas um rochedo cuja aparência de mulher lacrimosa ainda se conserve com o transcorrer dos éons. Um exemplo a não ser seguido pelo restante da humanidade.

Ainda assim, se reposicionamos Níobe à sua exata proporção humana, talvez vejamos que a sua arrogância⁷⁶ se devia a um movimento de revolta, que posteriormente transitou para a outra face da mesma moeda lutuosa, mais passiva e a que atribuímos o nome de melancolia:

Para eles [*os melancólicos*], queixar-se é dar queixa no velho sentido do termo; eles não se envergonham nem se escondem, porque tudo de depreciativo que dizem de si mesmos no fundo dizem de outrem. E estão bem longe de dar provas, perante os que os cercam, da humildade e da submissão que conviriam a pessoas tão indignas; pelo contrário, são extremamente incômodas, mostrando-se sempre como que ofendidos e como se uma grande injustiça tivesse sido cometida contra eles. Tudo isso só é

⁷⁶ Pv. 16:18 – Há uma máxima deveras pertinente extraída da *vulgata*: “*contritionem praecedat superbia et ante ruinam exaltatur spiritus*”, a qual assim é possível de traduzirmos: A soberba precede o luto e o espírito é exaltado ante a queda.

possível porque as reações da sua conduta provêm sempre da constelação psíquica da revolta, que depois, em virtude de um certo processo, se transportou para a contrição melancólica. (Freud, 2011, p. 59 – 61)⁷⁷

Se falarmos de luto é perpassarmos por Freud, quando tratamos de luto materno nos mitos greco-romanos é não nos esquecermos de Cristina Santos Pinheiro⁷⁸. Nos seus estudos, a professora apresentará o seu conceito a respeito do ‘paradigma da *mater orba*’⁷⁹, levando em consideração sete mães míticas presentes no decorrer de toda obra *Metamorfoses*. A autora lusitana também será minuciosa o suficiente de classificá-las sob dois aspectos⁸⁰: A) As que perderam seu(s) filho(s): Clímene (Met.2. 319-366), Ceres(Met.5. 341-571), Níobe (Met.6. 146-312) e Hécuba (Met.13. 399-575); B) As que assassinaram o(s) seu(s) próprio(s) filho(s): Agave (Met.3. 708-733), Procne (Met.6. 424-674) e Alteia (Met.8. 445-546).

À altura da oitava nota de rodapé ⁸¹, Pinheiro fará a observação de que o adjetivo *infelices*, frequentemente utilizado no decorrer das *Metamorfoses*, com o intuito de designar pais que tenham perdido os seus filhos; e isso se dá pelo fato de seu antônimo ter o duplo sentido: ‘fértil’ e ‘feliz’ – “O castigo da sua insolência consistirá exatamente em transformá-la no oposto de *felix*, numa *mater orba*, e é precisamente a representação do seu isolamento completo que antecede a metamorfose que a transforma num rochedo”⁸²; razão pela qual é visível o quanto a felicidade de Níobe depende da extensão de sua prole. Toda extensão do seu poder esvai-se de uma só vez, todo o sentido de sua vida simplesmente desmorona. Assim o seu orgulho viu-se fútil, por tão extensamente a orfanarem dos filhos, e uma esterilidade soterrou de vez a sua fertilidade: já sem marido, inclusive, para arar os seus sulcos uterinos. Ademais, uma curiosidade que parece ter passado despercebida tanto por parte de Pinheiro, quanto de Loraux foi a figura mítica de Níobe estar indiretamente vinculada a Ceres⁸³, já que Tântalo oferece a carne de Pélops justamente após o rapto de Proserpina. Neste ínterim, a deusa ainda se via enlutada por desconhecer o paradeiro de sua filha, a qual presumia estar morta;

⁷⁷ (Freud, 1946, p. 434–435) No original, lê-se: “*was sie von sich aussagen, im Grunde von einem anderen gesagt wird; und sie sind weit davon entfernt, gegen ihre Umgebung die Demut und Unterwürfigkeit zu bezeugen, die allein so unwürdigen Personen geziemen würde, sie sind vielmehr im höchsten Grade quälerisch, immer wie gekränkt und als ob ihnen ein großes Unrecht widerfahren wäre. Dies ist alles nur möglich, weil die Reaktionen ihres Benehmens noch von der seelischen Konstellation der Auflehnung ausgehen, welche dann durch einen gewissen Vorgang in die melancholische erknirschungübergeführt worden ist.*”

⁷⁸ Ovídio: exílio e poesia – Leituras ovidianas no bimilenário da “relegatio”, 2007.

⁷⁹ *Ibidem*: O paradigma da *mater orba* nas *Metamorfoses* de Ovídio p. 160-170

⁸⁰ *Ibidem*: p. 160 e 161

⁸¹ *Ibidem*: p. 163 – Met.8. 231 (Dédalo), 9. 480 (Alteia), 13. 405 e 535 (Hécuba)

⁸² *Ibidem*: p. 163

⁸³ Ressalta-se as seguintes entradas mitológicas em Grimal (2011): Ceres (p.84), Deméter (p.114-116), Dis Pater (p.123), Perséfone (p.369-370), Proserpina (p.397-398) e Tântalo (p.427-428).

mas que à época governava o submundo junto a Dites. Ceres, fora do seu pleno juízo ‘*amens*’⁸⁴, não se importa de comer um dos ombros de Pélops, tendo Vulcano forjado uma réplica de marfim posteriormente para o irmão de Níobe. À primeira vista, pode parecer que nenhum elo estreito há entre Níobe e Pélops, senão os laços sanguíneos que os dois irmãos compartilham; mas acontece da figura de Níobe associar-se, de certa maneira, à fertilidade; uma vez que a deusa dos campos férteis aceitou o ímpio sacrifício de Tântalo. Ambos os tantálidas poderiam ter recebido alguma dádiva a partir disso? Não seria descabido pressupormos que antes de ser precipitado para o Tártaro, o pai de ambos tenha rogado por benefício(s) à filha remanescente, já que fato é de que o seu útero semelha um campo fértil de quatorze sementeiras. Uma fome assolava o orbe terrestre pelas recusas de Ceres recobrar suas atribuições divinas para com a humanidade. O luto da deusa por Proserpina foi tamanho, que o verbete de Tântalo (Grimal, 2011, p. 427 – 428) nos fará questionarmos acerca do mérito da sua oferenda. Mera barbárie ou ato desesperado por não ter mais nada a oferecer aos deuses, em meio à escassez de alimentos nos campos cultiváveis? Se a Pélops foi permitido residir na morada dos deuses celestes, por que a Níobe não poderíamos especular que lhe abundariam de toda sorte de recursos para que tamanha impiedade jamais se repetisse com os seus?

Felicidade duplamente desperdiçada, uma vez que Níobe tanto se julga uma deusa, que reincidirá na fala atrevida para com Latona, “*Illa malo est audax.*”⁸⁵, logo após a metade masculina dos seus filhos abatida. O quê justificará a razão pela qual aquela mulher, ainda que na condição de mãe orfanada, não derrame uma lágrima, mal sabendo que Diana assumiria o seu quinhão naquele massacre, findado o de seu irmão Apolo. Ainda de acordo com Pinheiro⁸⁶, não é digno dos deuses chorarem; referindo-se à versão dos *Fastos*, acerca do rapto de Proserpina: “*neque enim lacrimare deorum est*”⁸⁷. O pranto só virá em profusão, quando se der conta da sua real medida humana, toda suplicante e desesperadamente abraçada àquela sua caçula. Níobe relembra ser humana que chora, soluça e suplica; quando se der conta de que algo lhe é melhor do que nada. Assim, ao menos, lhe restará uma única que lhe faça companhia nas horas mais escuras de sua passagem terrena. Nesta linha de raciocínio, acreditamos que Níobe mais chore por não pertencer ao Olimpo, nem por lhe ser possível admirar-se com a sua linhagem seguindo o seu curso avante, através de sua metade masculina de filhos, espalhando-

⁸⁴ *Met.5* 510-512: “*Utque dolore pulsa gravi gravis est amentia, curribus oras exit in aetherias.*” – trecho o qual se traduz por: E assim que a penosa **insânia** foi rechadaça pelo penoso luto, lá se vai [Ceres] a cavalos para além das nuvens. (grifos nossos)

⁸⁵ *Met.6* 288

⁸⁶ p. 165

⁸⁷ F.4. 521

se por todo o orbe. Até mais do que por puro e simples amor materno. A rainha mais chora porque o seu valor de mulher foi reduzido até chegar a nulo, e uma vez se deparando com a sua própria humanidade, não suporta o fardo de ser o seu sexo constituído pela falta, que só é preenchida após receber do seu marido o gérmen provedor de herdeiros para a sua casa; e consequentemente para a boa manutenção da sociedade. O sacrilégio de Níobe, especialmente, contra a maternidade de Latona não foi divisado pela própria sacrílega como um atrevimento contra o estatuto de sua própria maternidade. Foi-lhe arrancada não a própria vida, nem o quê lhe adornava de circunjacentes riquezas tampouco; mas o quê lhe fazia essencialmente ser rica como mulher. Pagou a sua sentença na mesma moeda. E o resto, mais nada tiveram os deuses a ver consigo, senão reconduziram-na de volta para a pátria. Soterrada viva foi por seus próprios sentimentos; transmutada foi por sua própria culpa de não ter mais à frente o quê poderia ter sido seu por direito.

Aqui retomemos, por um breve instante, Loraux (1994, p. 16), e aprenderemos consigo que apesar de não incorrerem a erros, se nos dias de hoje disséssemos ‘o luto das mulheres’⁸⁸, outrora soaria grosseiro aos ouvidos por se tratar de pleonasma; uma vez que o sexo feminino é voltado para as lágrimas. Um prazer de tão mórbido recearem nelas fará toda a Ágora consciente da possibilidade de suspenderem o tempo da vida pública juntas. O patológico que devia ser extirpado o quanto antes pela raiz, assim não adoeceria a mente alheia com seus sintomas não tão manifestos a princípio. E ao mesmo tempo é ricamente descrito nas epopeias homéricas, no teatro grego e até mesmo nas *Metamorfoses*; pois Pinheiro refresca a nossa lembrança com relação a Ovídio nos relatar terem as jovens latinas herdado uma joia das helíades⁸⁹ lacrimosas, enquanto estas perdiam suas formas humanas para as de árvores, de tão enlutadas pela morte do irmão Faetonte. O âmbar, que se via adornando seus colos, foi outrora as lágrimas que se cristalizaram em seiva, no momento de transmutação – “como se chorar fosse uma herança feminina.” (Pinheiro, 2007, p. 165). A autora lusitana também arriscará o palpite de que o desfecho do mito de Níobe e de Clímene semelham bastante, já que “depois de chorar a morte de Faetonte e de assistir, impotente, à metamorfose das filhas, ela [Clímene] desaparece simplesmente da narrativa, como se a sua existência se esgotasse com a morte dos filhos.” (Pinheiro, 2007, p. 162), assim ficando nós diante de uma visão deplorável acerca das

⁸⁸ p. 16 – “[...] num célebre poema de Arquíloco, deve ser rechaçado [o luto]; toma-se aqui como objecto a virtual ameaça que constitui para a ordem cívica o luto das mulheres – expressão que, em si mesma, não é talvez pleonástica mas é certamente pleonasma quando encarada do ponto de vista de um cidadão.” (Arquíloco, fr. 13 West)

⁸⁹ *Met.*2 340-341

mães enlutadas. Distinguirá a diferença fulcral entre Níobe e Hécuba ser de que a primeira inicia o mito revoltada por sua soberba, e só chorar quando a última roga para ser poupada; enquanto a segunda é a personificação da humilhação, tratando-se de uma ex-rainha feita escrava após a queda de Troia. Ela chora a seu turno, pois se defronta com sua orfandade cada vez maior até o ponto quando encontra o único filho, que julgava a salvo, morto bem à sua frente. Então as lágrimas de Hécuba secam de vez para darem lugar à raiva que a transformará numa cadela de olhos flamejantes⁹⁰. Interessante notarmos que ‘o paradigma do rouxinol’ vai ao encontro do ‘paradigma das *matrum orbarum*’, uma vez que admite Pinheiro ser possível compararmos Hécuba a “uma mãe filicida”⁹¹, quando vê os seus esforços terem sido inúteis até para salvar Polidoro. A *orbanitas* de Níobe não nos esqueçamos que foi causada também por ela própria. E a orfandade de Hécuba é semelhante por Ovídio como a de uma leoa, “*utque firit catulo lactente orbata laena signaque nacta pedum sequitur, quem non videt, hostem*”⁹², porque um símile⁹³ há de Lucrécio⁹⁴ associando Ceres a uma vaca de quem retiraram o novilho para ser imolado; e está à sua procura irrefreada, por um tempo, até que se esqueça do episódio; pois desconhece o quê se sucedera à sua cria, e carece de memória para recordar-se disso futuramente. Níobe finda o seu mito inanimada por não lhe ter restado mais forças para desafiar os céus; enquanto o desfecho para Hécuba se dá vingando-se de Polimestor através de barbárie até maior do que a humana. A prisioneira de guerra, apesar de idade avançada, recobra suas forças pelos instintos animais; a tantálida, apesar da ascendência divina, despersonifica-se de tal modo que um ser inanimado se torna de tanto se sufocar por ter cavado a sua própria cova. Quanto a Níobe, bastará lembrarmos que o seu desfecho, na percepção de Pinheiro⁹⁵, soará um gemido graças à presença de sons nasais, que o último verso produz aos nossos ouvidos: “*lacrimas etiam nunc marmora manant.*”⁹⁶.

Mas por que nos debruçarmos há pouco sobre todas as outras três mães supracitadas, se o nosso foco sempre foi Níobe? Porque não há como falarmos da orfandade de Níobe, sem reafirmarmos ser vítima e agente responsável pela morte dos seus próprios filhos e filhas. ‘O paradigma do rouxinol’ nos comprova o quão genérico é o luto feminino, independentemente

⁹⁰ *Met.*13 569-571

⁹¹ p. 166

⁹² *Met.*13 547-548

⁹³ O mesmo símile de Lucrécio também pode ser retomado à maneira Ovidiana: “*ut uitulo mugit sua mater ab ubere rapto et quaerit fetus per nemus omne suos, sic dea nec retinet gemitus, et concita cursu fertur, et e campis incipitu, Henna, tuis*” (F.4. 459-462)

⁹⁴ “*De rerum natura* 2. 352ss

⁹⁵ p. 166

⁹⁶ *Met.*6. 312

se a mulher esteja a sofrer por filhos, viuvez ou qualquer outro ente querido que se tenha ido. Já ‘o paradigma da *mater orba*’ reforçará semelhanças notáveis entre mães intencionalmente órfãs, e involuntariamente.

Escandaloso desde sempre foi o fato de humanos se julgarem acima dos demais, quando todos, apesar das discrepâncias sociais, são feitos da mesma matéria, afetados pelas mesmas mazelas e partilham a mesma morte, que a todos humilha⁹⁷ no sentido estrito do verbo: *humus* X *humiliare* X *humilitare*. O texto nos prova o quanto não bastava para Níobe muito lhe abundar; era o vasto domínio sobre todo o mundo conhecido o quê ela tanto almejava, através de seus numerosos varões; firmar importantes alianças com outros nobres reinos através de suas donzelas, assim que bem-casadas. Estender os seus tentáculos até onde o destino lhe competisse. A sua sorte julgava ilimitada; quando, em verdade, jamais supusera malfadar em qualquer aspecto da vida. Logo que lhe foi tomado tudo que mais lhe era caro, todo o resto desmoronou. A sua existência perde significado. A sua iracúndia, por nenhuma deusa de fato ser, prova-se ínfima diante de Latona, uma deusa de verdade. Herói⁹⁸, pelo que suspeitamos, nada tem a ver com a concepção hodierna de mocinho; mas aquele de linhagem distinta o suficiente para lhe permitir aplicar a sua própria justiça; esta que por sua vez, menos nos soa relacionada exclusivamente com o bem; mas preferencialmente com a possibilidade das pessoas, especialmente os heróis e os deuses, executarem o quê mais conveniente julgassem – somente tomando por base o próprio juízo – a depender da ocasião. Bem ou mal, não cabe ao nosso anacronismo firmar um olhar com quaisquer preconceitos. Não é à toa que Loraux (1990, p.60-65) desempenhará um papel fundamental sendo-nos uma fiel guia metalinguística, já que a autora parisiense debruçará sua atenção sobre termos clássicos, bastante relevantes para a compreensão dessa mãe grega, à luz da própria greicidade.

A começar com ‘*δίκη*’, o equivalente ao vocábulo ‘justiça’. O termo grego, acerca do qual estreitará notórios pensadores neste caldeirão de ideias, onde veremos fervilhar que uma mãe justa será a mulher submissa às determinações do rei, capaz o suficiente de favorecê-lo com herdeiros, os quais perpetuem o seu trono. A essa mulher se entrega, quando partilham do mesmo leito, e dela espera rebentos que assegurarão a execução de sua própria justiça pelas terras onde governa. Mas o preço dessa plenitude tanto almejada pelo rei, nada mais é do que emprestar os genes que serão gestados durante nove meses por essa mulher. Algo que só após

⁹⁷ Se o ser humano é uma criatura que da terra ‘*humus*’ é feito para lá retornar, quando chegada for a derradeira das horas; então nada lhe é mais lícito, senão agir de modo humilde ‘*humilio/ humilifico*’ para com tudo aquilo que o cerque; ou, do contrário, sentirá o peso de ser forçosamente humilhado ‘*humilito*’ pelas mãos do destino.

⁹⁸ SARAIVA, 2019, p.549-550

o parto provará ter sido um ótimo ou péssimo investimento para o pai; uma vez que é função da mulher fornecer filhos à imagem e semelhança do pai. A boa reprodutora é aquela que consegue reproduzir fielmente cópias do marido – sem que neles haja o mínimo vestígio daquelas que não passaram de receptáculos. Se a mãe, mesmo sendo quem a criança traz ao mundo e nutre, pertence à esfera do sexo que tudo entrega sem nada esperar em troca; então o pai só pode ser do sexo repleto de expectativas por tudo ganhar dessa mulher. O corpo da mulher com quem concebe o seu sucessor passa a ser também seu, porquanto se tornou o abrigo alimentador de quem se resume a uma extensão de si, quando for homem feito. Neste sentido, a felicidade do rei e da πόλις é uníssona quando não só o sexo, como todos os trejeitos e o próprio semblante paternos forem herdados pelo descendente. Uma visão de mundo tão patrilinear que haverá uma égua⁹⁹ na Farsália, a qual dirão ter recebido o nome de Justa ‘Δίκαια’ exatamente porque gerara um potro simílimo a seu progenitor.

Os próximos termos, a respeito dos quais a escritora parisiense refletirá, acompanharemos ser ‘χαρακτήρ’ e ‘τύπος’, cujos vocábulos melhor correspondem a ‘marca’ e ‘matriz’. O íntimo da mulher é, na mão do seu proprietário, encarado como a moeda à espera das gravuras a serem cunhadas. Os homens, os artífices que se inscreverão nas profundezas uterinas. O útero ‘μέτρον’, este instrumento tão valioso, assim como a pedra, que torna indelével as marcas de quem ali se inscreve. Nele se recebe o corpo marital, e por este é modificado. Nele se fecunda a projeção futura do pai, ali jamais caberá nenhum outro pretendente já que os sulcos dela foram desde o himeneu selados. O sexo feminino, em forma de delta, também é visto, pela autora, tal qual tabuinha de cera virgem ‘δέλτος’ para que o sexo escritor lapide as próprias letras ‘γράμματα’ que ditarão as normas dele sobre a sua mulher. Onde se fará total sentido pensarmos que depois do suicídio do marido, Níobe perderá o seu estatuto de mulher até se tornar estéril, e com isso impossível de legar um reino a quaisquer de seus filhos, já todos mortos. E quando em *Édipo Rei*, for descoberto o incesto entre Édipo e Jocasta, a sua própria mãe, eis que o coro indagará boquiaberto: como os ‘sulcos paternos’ de jocasta puderam suportá-lo? Entenda-se que, na mãe, a escrita do pai é indelével (LORAUX. 1990, p. 63).

Finalmente, é imperativo encerrarmos este capítulo, dando um último enfoque no texto de Pinheiro (2007, p.170), no qual será encontrado os traços partilhados entre essas mães orfanadas. O quê faz dessas mulheres *matres orbae*? Ela elucidará que a interrupção da maternidade é representada, no decorrer das *Metamorphoses*, como uma “sala de espelhos” –

⁹⁹ *História dos animais*, 586a; Aristóteles retoma o exemplo na *Política* (II, 1262a 21-24)

já que uma mãe espelha o luto da outra. Os cabelos desgrenhados e a prostração sobre cadáveres, segundo sua interpretação, a dor de perder seus filhos, por lhes ser tão insuportável, prolonga-se até fazer com que as vejamos permanentemente perderem suas formas humanas. A vã tentativa dessas mães abraçarem a luz de suas vidas, pressupondo que assim salvarão seus filhos da morte, quase como se pudessem servir de escudo protetor, ou ainda melhor, como se dessem a ideia de regresso ao útero, onde outrora foi o abrigo para o feto tão querido. A essa regra excluímos Ceres, pois apesar de seu luto tê-la transmutado em velha por todo o orbe terrestre errante, e mais além, só o foi temporariamente. As filhas de Clímene são quem se transformam no lugar da mãe, cujo paradeiro Ovídio nem se dá ao trabalho de nos informar. Tanto o luto masculino, quanto, especialmente, o feminino é sentimento temido por todos de disseminar-se patologicamente entre os cidadãos; já que as torna descontroladas num nível de magoarem o próprio corpo. Irracional, deve ser contido em nome da lei, pois impediria que a política fosse feita valendo-se única e exclusivamente da razão: seja na *πόλις*, seja na *urbs*.

Mas Níobe é esta que, por todo o sempre destoará, de todas as demais metamorfoseadas, uma vez que se transmutou num ser inanimado de tamanha a frieza para com os seus. Proibida foi ela de adentrar até mesmo o Hades, para onde baixaram a alma dos seus: os nióbidas e o esposo. Nada mais cabível a uma inumana do que ser no plano terreno, por todo o sempre, um rochedo lugente..

5. CONCLUSÃO

Através desta monografia, é esperado que os nossos esforços, portanto, tenham atingido a expectativa de garantirem à comunidade científica argumentos plausíveis para o entendimento de Níobe: não tão-somente uma vítima da desforra dos latonígenas, mas uma mãe igualmente culpada por ter assassinado os seus próprios filhos. Nessas horas, é oportuno recapitularmos a diferença entre crime doloso e crime culposo. O primeiro é perpetrado por quem tenha a vontade de prejudicar alguém; o segundo crime pratica-se quando o sujeito tenha lesado alguém sem a devida intenção. Assim, por mais que Níobe não tenha desejado causar o assassinato dos seus descendentes, o fato é que culpada permanece do morticínio provocado por sua soberba precipitada. Filicida, e o remorso a petrifica por dentro como se é possível ler no poema de Ovídio.

Nos passos de Nicole Loraux, vemo-nos diante do ‘paradigma do rouxinol’, que nos encaminha para uma visão de que o luto seja uma experiência típica do sexo feminino. Não que os homens não o experimentem, mas eis um sentimento necessário de ser extirpado o mais

rápido possível do íntimo masculino. Do contrário, onde estaria a virtude exigida dos homens para governarem cidades, liderarem exércitos e preservar a pátria herdada pelos seus pais com força? Se virtude é algo característico do ser viril, as lágrimas só podem ser típicas do ser feminino. Virtude viril e luto feminino tratariam de ser duas coisas redundantes para a antiguidade. A caminho de Cristina Pinheiro (2007), por outro lado, ocorre um direcionamento do nosso olhar para o ‘paradigma da *mater orba*’: as características em comum das mães que perderam os seus filhos (Clímene, Ceres, Níobe e Hécuba) *versus* as mães que assassinaram os seus próprios filhos (Agave, Procne e Alteia). Dois paradigmas que se complementam bastante entre si. Duas perspectivas que não hesitam em considerar a figura mítica de Níobe como a mais emblemática de todos os outros exemplos. Níobe só se faz uma mãe orfanada porque se vitimou ela mesma. O luto feminino é uma experiência tão genérica, tal-qualmente o ‘paradigma do rouxinol’ direciona a nossa atenção, que põe Níobe no mesmo patamar que Procne: duas filicidas, na qual a primeira se faz por soberba não intencionada de privar-se dos filhos; e a segunda mãe por dolo, já que se vinga do marido destituindo-o de herdeiro. Um sentimento tão nefasto a ponto de interromper a vida pública com os costumes das carpideiras, não compatíveis com a civilidade, pois entregará toda uma cidade ao patológico. É imperativo tratá-lo o quanto antes de espalhar-se por todo canto, do mesmo modo como se faria com uma epidemia.

Abordamos sobre o tempo e a obra-prima de Públio Ovídio Nasão: *Metamorfoses*. Tratou-se aqui de traduzirmos verso a verso do poema; e se completo cá não se encontra é porque preferimos dar enfoque na comparação entre os paradigmas de Loraux e Pinheiro; para que assim pudéssemos desenvolver o nosso lugar-comum com ambas: provar que Níobe foi vítima e culpada pela desgraça que lhe baixara dos céus. Futuramente, é do nosso interesse publicar o resultado da nossa tradução integralmente.

Observamos o quão significativo são os mitos na construção do imaginário. O quanto traduzem sentimentos de pessoas, que frequentemente se veem incapazes de exprimir com a mesma riqueza de detalhes as impressões de acontecimentos que tanto venham a impactar as suas vivências. Um poeta, relegado nos confins do mundo conhecido, torna-se só mais um ninguém entre os bárbaros que nada compreendem da sua língua. Ou melhor ainda, para aqueles que (quase) nada falavam de latim, o bárbaro em Tomos era Ovídio por não estar habituado nem aos seus costumes nem ao dialeto deles. Emudecido, o poeta de Sumona semelhará bastante a uma mãe orfanada, que mais nada tem a dizer ou tampouco oferecer ao mundo. Estéril e carente daquilo que mais lhe nutrira no passado. Assim, o poeta dedica-se ao

refinamento da sua língua-mãe, e aspira à glória dos séculos vindouros e ao aplauso daqueles que se inebriarão, desde já, com sua poesia; enquanto ainda lhe for permitido viver para ouvir o seu (re)nome na graça popular. E, do mesmo modo, uma mãe deseja mais do que tudo ver a sua prole vingar, crescer e prosperar de tal sorte, que idealmente chegue até a superar as circunstâncias para as quais a vida a destinou.

6. REFERÊNCIAS

AN introduction to Caravaggio in 5 paintings. **Google Arts & Culture**. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/story/zgWx2JhhzdgWlQ>>. Último acesso: 19 de nov. de 2022.

ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. Tradução de Edson Bini. 4º ed. São Paulo: Edipro, 2020. 392 p.

BIBLIA. Latim. **Vulgata latina**: Vetus Testamentum. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br/vulgata-latina/liber-proverbiorum/16/>>. Último acesso em: 20 de nov. de 2022.

BIRDS, A lot like. **Conversation Piece**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SIIn5S8oAi6A&list=PL-XbTEkQt3TanQ081UNpLtV9vUKfmiG03&index=5/>. Último acesso: 19/11/2022

GRAHAM-DIXON, Andrew. Caravaggio. **Britannica**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Caravaggio>>. Último acesso em: 20 de nov. de 2022.

CÍCERO, *Da amizade*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza; notas de Homero Santiago; cronologia de Geraldo José Albino. 2º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016. 102 p.

CRIME doloso X crime culposo. **Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios**, 2018. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e->

[produtos/direito-facil/edicao-semanal/crime-doloso-x-crime-culposome Culposo — Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios \(tjdf.jus.br\)](#)>. Último acesso em: 24 nov. 2022.

ELIADE, Mircea. Aspectos do Mito. Tradução de Manuela Torres. 1º ed. Lisboa: Edições 70, 1989. 174 p.

FARIAS, Ernesto. Dicionário latino-português. Vol. 17. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003. 1081 p.

FISCHMAN, Joshua. Sociología del lenguaje. Madri: Cátedra, 1975. 272 p.

FREUD, Sigmund. **Gesammelte werke: chronologisch geordnet: werke aus den Jahren 1913 – 1917**. Zehnter band. London: Imago Publishing Co., Ltd., 1946. 483 p. *E-book*. Disponível em: <http://freud-online.de/Texte/PDF/freud_werke_bd10.pdf
(freud-online.de)>. Último acesso: 24 nov. 2022.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. Tradução, introdução e notas de Marilene Carone; textos de Maria Rita Kehl, Modesto Carone e Urania Tourinho Peres. 3º reimpressão. São Paulo: Cosac Naify, 2014. 144 p.

GERALDI, ALMEIDA, LEITE, OSAKABE, POSSENTI et alii. O Texto em Sala de Aula. 1º ed. São Paulo: Editora Ática, 2011. 136 p.

GRAVINA, Dominici de. Chroninicon de rebus in Apulia gestis. Whitefish: Kessinger Publishing LLC, 2010. 306 p.

GRIMAL, Pierre. Dicionário da mitologia grega e romana. Tradução de Victor Jabouille. 6º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 612 p. 136

GRIMAL, Pierre. O século de Augusto. Tradução de Rui Miguel Oliveira Duarte. 1º ed. Lisboa: Edições 70, 2020.

HADAS, Moses. A history of Rome. 1º ed. Garden City: Doubleday & Company, 1956. 305 p.

HIBBARD, Howard. Gian Lorenzo Bernini. **Britannica**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Gian-Lorenzo-Bernini/Patronage-of-Urban-VIII>>.

Último acesso em 19 de nov. de 2022

HOMER, **Iliad**. Homeri Opera in five volumes. Oxford: Oxford University Press, 1920.

Available at:

<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Hom.+Il.+24.601&fromdoc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0133>>. Último acesso: 24 nov. 2022

HOMERO, *Iliada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 25ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 536 p.

JABOUILLE, Victor. *Iniciação à ciência dos mitos*. 2º ed. Lisboa: Inquérito, 1994. 116 p.

LENDERING, Jona. *Cursus honorum*. **Livius**, Itália, 2002; 09 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www.livius.org/articles/concept/cursus-honorum>>. Último acesso em: 19 de nov. de 2022

LORAU, Nicole. *As mães de luto*. Tradução de Cristina Pimentel. 1º ed. Lisboa: Edições Cosmos, 1994. 88 p.

LUCRÉCIO, *Sobre a natureza das coisas*. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. 1º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 562 p.

MARLOWE, Christopher. *A trágica história do Doutor Fausto*. Tradução e notas de Luís Bueno, Caetano W. Galindo e Mario Luiz Frungillo. 1º ed. São Paulo: Ateliê Editorial & Editora da UNICAMP, 2018. 488 p.

NARCISSUS. **Caravaggio**. Disponível em: <<https://www.caravaggio.net/narcissus/>>. Último acesso em: 20 de nov. de 2022

OVID, *Metamorphoses*. English translation by Frank Justus Miller. 2nd edition. London: William Heinemann LTD., 1921. Vol. I (I – VIII) and Vol. II (IX – XV).

OVIDE, *Les métamorphoses*. Texte établi par Georges Lafaye, 4^e tirage . Paris : Les Belle Lettres, 1929. Tome I (I – V), Tome II (VI – X) et Tome III (XI – XV).

OVÍDIO, *Amores & Arte de amar*. Tradução, introdução e notas de Carlos Ascenso André; prefácio e apêndices elaborados por Peter Green. 1^o ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. 649 p.

OVÍDIO, *Fastos*. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. 1^o ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. 368 p.

OVÍDIO, *Metamorfoses*. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto. 3^o ed. Lisboa: Livros Cotovia, 2014. 443 p.

OVÍDIO, *Metamorfoses*. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias; apresentação de João Angelo Oliva Neto. 1^o ed. São Paulo: Editora 34, 2017. 912 p.

OVÍDIO, *As metamorfoses*. Organização de Mauri Furlan e Zilma Gesser. 1^o ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2017. 820 p.

OVIDIUS, ***Tristia***. Public domain translation by Arthur Leslie Wheeler. Cambridge: Harvard University Press, 1939. Available at: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0492>> Último acesso: 19 de nov. de 2022.

PANDATÁRIA, a ilha onde imperadores romanos exilavam mulheres consideradas promíscuas. **BBC News Brasil**, 02 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-46732511>>. Último acesso em: 19 de nov. de 2022

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Tradução de S. J. Manuel Losa. 1^o ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. 1036 p.

PINHEIRO, Cristina. O paradigma da *mater orba* nas *Metamorfoses* de Ovídio. Ovídio: exílio e poesia: Leituras ovidianas no bimilenário da “*relegatio*”, Lisboa, 500 tiragens, p. 159 – 170. Junho de 2007.

PIZANO, Mariana Peixoto. **Expressividade poética nas *Metamorfoses* de Ovídio: o episódio de Níobe (*Metamorfoses*, VI. 146–312)**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo, 2016. 168 p. Disponível em: <extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos_literarios/3859.pdf>. Último acesso em: 23 de nov. de 2022.

PLATÃO, A república. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 4º ed. Belém: Ed. UFPA, 2016. 856 p.

PLATO, **CRATYLUS**. Public domain translation by Harold N. Fowler. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1921. Available at: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0172:text=Crat.:section=406a&highlight=leto>> Último acesso: 25 de nov. 2002

PLATO, **Kratylos**. Platonis Opera, ed. John Burnet. London: Oxford University Press, 1903. Available at: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0172:text=Crat.:section=406a&highlight=leto>>. Último acesso: 25 de nov. 2022.

SARAIVA, F. R. dos Santos. Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc. 13º ed. Belo Horizonte: Editora Garnier, 2019. 1297 p.

SARAMAGO, José. As intermitências da morte. 1ºed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 208 p.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 310 p.

SARAMAGO, José. Evangelho segundo Jesus Cristo. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras 2005. 376 p.

SÊNECA, Sobre a ira/ Sobre a tranquilidade da alma. Tradução de José Eduardo S. Lohner. 1º ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014. 304 p.

SEVENFOLD, Avenged. **Nightmare.** Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=bQ1yhsYr-hg/>. Último acesso em: 19/11/2022

SHAKESPEARE, William. **Richard III.** Domínio público. *E-book.*

VEYNE, Paul. Os gregos acreditavam em seus mitos? : Ensaio sobre a imaginação constituinte. Tradução de Maria Echalar. 1º ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014. 208 p.

VIRGÍLIO, Bucólicas. Tradução de Odorico Mendes. 1º ed. São Paulo: Ateliê Editorial & Editora da UNICAMP, 2008. 208 p.